



Sindicato dos
JORNALISTAS
PROFISSIONAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

UNIDADE

FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

CUT
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

AGO/24-NOV/24 | Nº 423 | ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO | WWW.SJSP.ORG.BR

50 ANOS SEM VLADO: CRIME SEM PUNIÇÃO

UNIDADE INICIA SÉRIE QUE REMEMORA A MORTE DE VLADIMIR HERZOG, ASSASSINADO EM 1975 PELA DITADURA MILITAR. NESTA EDIÇÃO, TRAZEMOS O FAC-SÍMILE DA MATÉRIA "A MORTE DE VLADO" REALIZADA A QUENTE PELO JORNAL EX-



CULTURA SOB ATAQUE

TARCÍSIO ASFIXIA A FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, MANTENEDORA DA RTV CULTURA. DEMISSÕES, ATRASO DE SALÁRIO E CANCELAMENTO DE PROGRAMAS AMEAÇAM O FUTURO DA EMISSORA

DESTAQUE

Nova diretoria toma posse e busca avançar nas lutas da categoria

COJIRA

Prêmio Jabuti coroa a rica trajetória de Cláudia Alexandre

FOTOJORNALISMO

Olimpíadas e Paralimpíadas pelo olhar de Wander Roberto e Ale Cabral

MEMÓRIA

Entre letras, livros e a música: Os múltiplos de Luiz Chagas

EDITORIAL

O FIM DO ANO (DO QUASE FIM DO MUNDO)

Quando este exemplar estiver em suas mãos estaremos próximos do final de 2024. E se a sua lista de metas e realizações para o ano tenha ficado incompleta, não fique triste: afinal, você ainda está por aqui para planejar um 2025 melhor. Pode parecer muito dramático iniciar este editorial de fim de ano expressando preocupações concretas sobre o futuro em nosso planeta. Não queremos estragar as confraternizações e festas familiares, mas convenhamos: as notícias e acontecimentos que dia a dia nos confrontam fazem até os mais otimistas constatarem que a coisa não anda nada boa para nós.

Vivemos um mundo de guerras regionais que tomam proporções capazes de afetar todo o planeta. Enquanto as potências nucleares anunciam que estão revisando suas doutrinas de armas atômicas (permitindo a ampliação de seu uso), esses mesmos países ou silenciam ou colaboram abertamente com uma das maiores atrocidades do período recente: enquanto você lê este editorial, milhões de palestinos (e agora libaneses) vivem sob o horror e o arbítrio dos crimes cometidos pelo Estado de Israel, com o apoio dos Estados Unidos e seus cúmplices.

Vivemos também um mundo de catástrofes climáticas, que já afetam todas as regiões da Terra. No Brasil, as inundações no Rio Grande do Sul, a seca na região Amazônica e a fuligem das queimadas que sufocou o ar das grandes cidades e fez a cidade de São Paulo viver dias distópicos são meros lembretes de que a ação humana é responsável por mudanças geofísicas que podem inviabilizar as delicadas interações naturais que permitem a vida. São, na realidade, um último aviso de que ainda há tempo para mudanças.

Guerras, genocídios, enchentes, secas... Poderíamos supor que diante deste quadro não muito animador, a consciência coletiva convergiria para o entendimento de que ações políticas são necessárias, a começar pela eleição de representantes comprometidos com o futuro da humanidade. Mas, como demonstram os resultados eleitorais das eleições municipais no Brasil e em pleitos de outras partes do planeta, não podemos nunca subestimar a força das mentiras, dos discursos simplistas, negacionistas e do ódio.

Diante de tantas e tão graves dificuldades, poderíamos ficar apáticos, trancados em nossas casas esperando o fim do mundo chegar. Mas nós somos teimosos e reafirmamos que, sim, continuar lutando vale a pena e construir uma nova realidade é possível! Afinal, o cenário descrito nas linhas acima é apenas o sintoma aparente de um sistema econômico em crise e que precisa ser superado em prol do bem-estar da humanidade. Que os trilionários (sim, a concentração irracional do capital já possibilitará que existam trilionários em breve) façam seus

foguetes e se mudem para Marte e que nós, 99,99% da população possamos construir uma realidade justa, fraterna, livre de exploração e em harmonia com os recursos naturais e os seres vivos deste planeta.

Viram só? A mensagem de final de ano não termina tão ruim assim. Mas já que estamos falando de fins e recomeços, esta é uma oportunidade para discutirmos um tema em que podemos intervir de maneira mais efetiva do que nossos planos para salvar a humanidade: para que os desejos de um Feliz 2025 não sejam apenas da boca para fora, nós, jornalistas, temos que debater de maneira bem séria o futuro de nossa profissão e do próprio Jornalismo.

Sem enxugar gelo

Desde o início da nova gestão, temos percorrido os locais de trabalho e conversado com colegas para reforçar a mensagem que a nossa profissão é e continuará sendo essencial para uma sociedade democrática e que tenha pleno acesso à informação. Ainda que tenhamos consciência do papel fundamental de nosso ofício, sabemos também que as coisas não andam fáceis.

A crise do modelo tradicional de comunicação, que ocorre em todo o planeta, tem relação direta com a ascensão das grandes plataformas digitais (notadamente Facebook e Google), que concentram praticamente três quartos de todo o dinheiro da publicidade — valores que antes eram destinados aos veículos jornalísticos. As perdas das receitas fazem os padrões adotarem a cartilha que conhecemos bem: desprezar o trabalho fundamental produzido por nossa categoria e implantar uma política sistemática de demissões, baixos salários, perdas de direitos e todo tipo de precarização.

Um dos exemplos desta realidade ocorre na Editora Três, que publica títulos como a IstoÉ. Criada em 1976, a revista competia com outras publicações impressas semanais com tiragens de centenas de milhares de exemplares e páginas sem fim de anúncios. Hoje, a editora de IstoÉ reage à baixa do mercado publicitário com a absoluta precarização de sua redação: a maioria dos jornalistas é “PJ”, o que constitui uma fraude trabalhista, com atrasos sistemáticos nos pagamentos. Em 2024, as e os jornalistas entraram em greve durante três ocasiões na luta por seus salários.

Infelizmente, casos como este têm se tornado comuns e, diante disso, precisamos discutir a viabilidade de nossa profissão. Para que possamos exercer nosso trabalho com dignidade, é necessário um debate aprofundado que coloque a sustentabilidade do jornalismo como pauta urgente. É necessário buscar soluções em escala global que façam as plataformas pagarem pelo conteúdo jornalístico disponibilizado nesses espaços digitais.

Atualmente, países como o Canadá e a Austrália já contam com leis que discutem a sustentabilidade do jornalismo, mas as experiências ainda são incipientes e não necessariamente se encaixam na realidade brasileira (que conta com a pulverização de veículos, ao mesmo tempo que as receitas são concentradas em poucos oligopólios da comunicação). Para que o Sindicato e a nossa categoria não fiquemos apenas enxugando gelo, precisamos nos unir e discutir a sério o futuro de nossa profissão. Assim como a humanidade, não temos a mínima intenção de presenciarmos o nosso fim. ●

Direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo



UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO
DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Diretor responsável Eduardo Viné Boldt **Jornalista** Juliana Almeida **Edição de arte** Fábio Bosquê **Revisão** Flávio Carrança e Márcio Garoni **Capa** Francisco Cepeda/GESP (foto)

DIRETORIA EXECUTIVA: **Presidente:** Thiago Cianga Tanji; **Secretário-geral:** José Eduardo de Souza; **Finanças e Administração:** Alexandre Cevalhos Linares; **Comunicação e Cultura:** Eduardo Viné Boldt; **Formação Sindical e Profissional:** Pedro Estevam da Rocha Pomar; **Jurídica e de Assistência:** Larissa Gould de Assis; **Mobilização:** Joanne Santos Mota; **Regionais:** Solange Maria Ferreira Santana; **Registro Profissional:** Adriana Ferezim dos Santos; **Sindicalização:** Maria Cecília Figueiredo.

DIRETORES DE AÇÃO SINDICAL: Alan Felisberto Rodrigues; Altivo Cassiano da Silva, Carlos Henrique Picarelli Marcolino, Cláudia Campelo Tavares, Luiza Romero de Moraes, Sérgio Kalili, Ricardo dos Santos Gozzi Pedro, Sérgio Luiz Pais de Oliveira, Gírrana Rodrigues Teixeira, Camila Cruvinel Boehm, Márcio Ribeiro Garoni, Candida Maria Rodrigues Vieira, Lílian Mary Parise, Patrícia Zaidan.

CONSELHO FISCAL: Fabio Santana Soares, Norian Segatto, Rodrigo Pelegrini Ratier, Pedro Zavitoski Malavolta, Solange Aparecida Melendez.

REGIONAL ABCD: **Diretora Regional:** Vilma Amaro. **Diretores de Base:** Carlos Eduardo Bazilevski Aragão, Peter Suzano Silva, Viviane Barbosa Marques.

REGIONAL ALTO TIETÊ E VALE DO PARAÍBA: **Diretora Regional:** Patrícia Campos Leal. **Diretores de Base:** Alexandre de Jesus Trindade, Glauber Alexandre da Silva Ramos.

REGIONAL BAURU: **Diretora Regional:** Camila Fernandes. **Diretores de Base:** Edson Quintiliano Junior, Luis Victorelli, Ricardo Epifânio de Santana, Tânia Cristina Brandão de Brito.

REGIONAL CAMPINAS: **Diretora Regional:** Márcia Regina Quintanilha. **Diretores de Base:** Antônio Henrique Assis Brazão de Souza, Reginaldo Euzébio da Cruz, Valério Freire Paiva.

REGIONAL CAPITAL E GRANDE SÃO PAULO: **Diretor Regional:** Rafael Benaque do Nascimento. **Diretores de Base:** Adriana Cristina Alves do Amaral, Ana Maria Minadeo de Moura, Angelo Matilha Cherubini, Edson Antônio Ferraz, Evany Conceição Franceschi Sessa, Roberto Parizotti, Clélia Cardim.

REGIONAL PIRACICABA: **Diretor Regional:** Gustavo Franco Annunciato. **Diretores de Base:** Erick Vallin Vicente, Sabrina Rodrigues Bologna.

REGIONAL RIBEIRÃO PRETO: **Diretor Regional:** Walter Strozzi Filho. **Diretores de Base:** Raphael Cruz Pena, Denise Casatti, Lucas de Almeida Massei, Luis Ribeiro de Paula Júnior.

REGIONAL SANTOS: **Diretor Regional:** Sandro Thadeu Francisco de Maria. **Diretores de Base:** Carlos Norberto de Carvalho Lisboa Souza, Ernandes Caires de Sousa, Flaviana Serafim Vieira, Gustavo Teixeira de Miranda, Marina Menezes de Cavalcante, Suely Torres de Andrade.

REGIONAL SOROCABA: **Diretora Regional:** Érica de Aragão Peixoto. **Diretores de Base:** Edmundo Aparecido de Moraes, Romeu de Oliveira Venâncio, Rodrigo da Silva Ramos Gerpe.

COMISSÃO DE ÉTICA: Mônica Rolim Zarattini, Joel Scala, Franklin Larrubia Valverde, Flávio Carrança, Fábio Cesar Venturini.
Contato: comissaoeetica@sjsp.org.br

sjsp.org.br

unidade@sjsp.org.br

/JornalistasSP

/SindicatoJornalistasSP

@JornalistasSP

DESTAQUE

A nova diretoria e os convidados lotaram o auditório Vladimir Herzog para celebrar o início de mais uma gestão comprometida com a categoria



© JULIANA ALMEIDA

POSSE FESTIVA E DE LUTA

Por Juliana Almeida

No dia 21 de setembro, ocorreu a cerimônia de posse da nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. A atividade contou com representantes de diversas entidades sindicais, movimentos sociais e políticos, além, é claro, da categoria, que compareceu em peso à sede do SJSP. A Chapa 1 - “Resistir, Lutar e Avançar” foi eleita com 95,88% dos votos válidos, nos dias 7 e 8 de agosto. A nova diretoria assumiu o comando da entidade a partir do dia 23 de agosto de 2024, com término do mandato em agosto de 2027.

A nova gestão assume o mandato em um cenário de desafios para a classe trabalhadora, mas com o compromisso de continuar na linha de frente pela defesa dos direitos dos jornalistas. Como parte das comemorações, foi inaugurado um painel grafitado pelo artista Márcio Sick, que destaca as diferentes atividades jornalísticas, e uma foto panorâmica feita pelo fotojornalista Renato Souza, que retrata a região central de São Paulo.

Thiago Tanji, jornalista da Editora Globo e reeleito presidente do sindicato, abriu a cerimônia destacando o sucesso das eleições, com participação expressiva de jornalistas e convidados. “Foi uma eleição muito bacana. Conseguimos engajar a categoria com atividades em todas as regionais”, afirmou Thiago. Ele também ressaltou a importância de a posse

acontecer no auditório Vladimir Herzog, em homenagem ao jornalista assassinado pela ditadura militar. Para o presidente, o local simboliza a resistência e a luta pela democracia.

Paulo Zocchi, vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e ex-presidente do SJSP, participante de cinco gestões da entidade, lembrou das lutas do sindicato, mesmo diante de adversidades como as reformas trabalhista e previdenciária. “Nós somos o maior sindicato da nossa federação e um dos pilares na defesa do jornalismo no Brasil”, afirmou.

Além disso, Zocchi ressaltou a campanha nacional que busca restabelecer a exigência do diploma de ensino superior para o exercício do jornalismo e a luta contra a precarização da profissão. “Precisamos reverter o desmonte causado pelas reformas e lutar por um jornalismo digno”, disse Paulo. Ele também lembrou do ataque que a federação vem sofrendo do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), ao solicitar que a federação e sindicatos retirassem do ar as tabelas de referências de preços para frilas.

Representando o Centro Acadêmico Lupe Cotrim e o DCE Livre da USP, a estudante Sophia Vieira enfatizou os cortes e ataques à comunicação pública realizados pelo governo Tarcísio. “Estamos em um momento crucial de reorganização e

renovação, que é sempre importante para a nossa classe”, afirmou Sophia.

Comunicação Pública

Outro ponto levantado foi a greve de três dias realizada pelos trabalhadores da Editora Três, que resultou no pagamento de salários atrasados. A maioria dos jornalistas da empresa são contratados como PJ, ilustrando a precarização das condições de trabalho no setor. Situação semelhante foi citada na TV Cultura, onde mais de 70% dos funcionários também atuam como PJ.

A difícil situação na Rádio e TV Cultura também foi lembrada na posse. Mantida pela Fundação Padre Anchieta, teve diversos programas suspensos e 116 demissões, das quais 96 eram PJs. Na última semana, os sindicatos dos Jornalistas e dos Radialistas estiveram na porta da Fundação para cobrar a diretoria sobre as demissões e o desmonte da grade. Luiza Moraes e Cláudia Tavares, ambas da emissora, afirmaram que a organização dos trabalhadores será fundamental para o fim dos cortes.

Outra mobilização importante foi a dos trabalhadores das praças da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Com adesão superior a 90%, a paralisação de dois dias impactou o jornalismo de diversos veículos da empresa, como TV Brasil e Rádio Nacional.

A greve foi uma reação à decisão da empresa de atacar a jornada especial da categoria, prevista na CLT desde 1943. Ao elaborar o novo Plano de Cargos, a direção rebaixou os salários da carreira dos jornalistas. Leia sobre a greve dos jornalistas da EBC nas páginas 12 e 13.

Comissão de Ética

Com cinco candidatos para cinco vagas, os jornalistas elegeram a nova Comissão de Ética: Mônica Zarattini, Flavio Carrança, Fábio Venturini, Franklin Valverde e Joel Scala. Flavio, Franklin e Mônica estiveram presentes na cerimônia e destacaram o trabalho da Comissão nesta gestão.

Representantes do Comitê de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira SP) também estiveram presentes e ressaltaram a importância da luta contra o racismo nos locais de trabalho.

O evento contou ainda com a presença de lideranças sindicais e políticas, como a CUT e a CTB, que saudaram a nova diretoria e reafirmaram o compromisso com as lutas pela revogação das reformas. Daniel Calazans, secretário geral da CUT-SP, destacou a importância do SJSP na luta da classe trabalhadora.

Ao final, o presidente do SJSP, Thiago, reiterou o compromisso do Sindicato com a renovação e a continuidade da luta: “Não temos dúvidas de que a nossa profissão é fundamental para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, em que vozes diversas possam descrever a realidade. Mesmo que nossa categoria se encontre pulverizada, realizando diferentes atividades ligadas à comunicação, a certeza é que somos todos trabalhadores!”

CONHEÇA OS TIPOS DE MENSALIDADE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SP

PROPORCIONAL

para jornalistas com vínculo empregatício (CLT ou estatutário)

1% DO SALÁRIO com TETOS de R\$ 60 para o Interior, Litoral e Grande SP R\$ 80 para a Capital

FIXA

para jornalistas sem vínculo:
R\$ 45 Interior, Litoral e Grande SP R\$ 65 Capital

SOLIDÁRIA

Quantia voluntária com valor suplementar

SINDICALIZE-SE

📍 <https://sjsp.org.br/pagina/sindicalizacao-online>

MAIS INFORMAÇÕES:

📧 atendimento@sjsp.org.br
ou (11) 94539-9699

CAPA



RTV CULTURA SOB O ATAQUE DE TARCÍSIO

AS DEMISSÕES DE TRABALHADORES E O CANCELAMENTO DE PROGRAMAS DE SUA GRADE EXPÕEM, MAIS UMA VEZ, O PROCESSO DE DESTRUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA, INICIADO EM MANDATOS TUCANOS E APROFUNDADO PELO ATUAL GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

por: Eduardo Viné Boldt

Atraso de salário, cancelamento de programas e demissões. Nos últimos meses a situação dos trabalhadores da RTV Cultura chegou ao limite. Nos históricos corredores da emissora, que completou em junho 55 anos, o clima de trabalho vem se deteriorando. A incerteza quanto ao futuro daquela que, durante anos, foi vista como um exemplo de programação de qualidade, aumenta a cada dia. “A impressão que temos é que o objetivo é justamente esse, fazer a TV pública sangrar até o fim”, relata um trabalhador que pediu anonimato.

O mais recente sinal de alerta foi dado no início de setembro, com a demissão de 116 empregados da empresa, entre radialistas e jornalistas. Houve também o cancelamento de importantes programas da emissora dois dias antes: Balaio, Entrelinhas, Estação Livre, Giro Econômico, Legião Estrangeira, Na Cadência do Samba e Negros em Foco. Todos eles deixaram de ser produzidos. Apenas cinco seguem na grade, exibindo reprises. O governador Tarcísio de Freitas tem sido enfático em todas as suas declarações sobre a situação: não há dinheiro para a Cultura.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) e o Sindicato dos Radialistas de São Paulo estiveram presentes durante esse processo, com o objetivo de organizar os trabalhadores e atuar pela defesa da RTV Cultura. Foram organizadas assembleias permanentes na porta da emissora, com grande participação dos empregados. Elas estão mantidas até o momento. A precarização das condições de trabalho atinge jornalistas, radialistas e músicos da Jazz Sinfônica. O que as entidades buscam hoje é a readmissão dos demitidos e o retorno das produções inéditas à emissora. As reprises enfraquecem a TV pública e reforçam o caminho do sucateamento pretendido pelo governo do Estado.

A mais recente crise tem como ponto central justamente a disputa pela programação e pelo controle do conteúdo da emissora, somado à política de destruição e privatizações empregada pelo governador Tarcísio de Freitas. A briga entre a Fundação Padre Anchieta (FPA) e o Governo do Estado de São Paulo tem vitimado os telespectadores e ouvintes das emissoras da FPA, através da deterioração da grade de programação, e os trabalhadores, com arrocho salarial e perda de postos de trabalho.

Contingenciamento

“Saiba como fazer parte da plateia dos programas Na Cadência do Samba, apresentado pelo Thobias da Vai Vai, e do Balaio, apresentado por Renato e

Chico Teixeira”. A matéria que divulga a atração da TV Cultura foi publicada na terça-feira, dia 27 de agosto, no site da RTV Cultura. Os programas musicais da emissora têm como características a qualidade e a participação do público. Na matéria podemos ler ainda que o programa “Na Cadência do Samba” é uma das novas atrações da emissora. O material busca informar aos telespectadores como participar presencialmente das gravações. Não deu tempo. Pouco mais de uma semana depois a emissora comunicou os cancelamentos desses programas.

“Fomos pegos de surpresa com a notícia dos cortes de pessoal e interrupção dos programas”, relata Luiza Moraes, representante dos trabalhadores no Conselho Curador e diretora do SJSP. “Falo no plural porque me refiro aos funcionários e também conselheiros da FPA, que ficaram sabendo da notícia pela mídia. Um dos conselheiros chegou a me dizer que estava em Brasília, no Congresso, e foi abordado por um parlamentar questionando o que estava acontecendo da RTV Cultura. Gerou mal estar, inclusive porque alguns tinham participado de uma reunião, dias antes, do Comitê de Assuntos Internos, onde a direção tinha apresentado um quadro da situação financeira da FPA”, destaca a conselheira.

O abrupto corte impactou os trabalhadores que permaneceram na emissora. A falta de informação também afetou suas rotinas. “Foi muito difícil, ainda mais quando sabemos que alguns eram responsáveis por levar a única renda para a família. Acompanhar essa situação foi bem pesado para todos nós”, destaca uma trabalhadora que pediu para não ser identificada. “O clima de insegurança ficou pairando no ar por um bom tempo, pois não houve posicionamento formal por parte da chefia em nenhum momento. Faltou aquela palavra de consolo para a equipe. Mas, infelizmente, nada foi dito”, lamentou.

A dotação orçamentária prevista pelo Governo do Estado de São Paulo para a FPA este ano (2024) é de R\$104,3 milhões. Esses valores são inferiores aos repassados a Fundação dez anos atrás (2014), de R\$107,8 milhões, segundo dados oficiais. Além de um orçamento pequeno perto das necessidades da emissora, a utilização política dos repasses tem afetado os trabalhadores. No início do ano foi previsto um bloqueio de 100% sobre as verbas de custeio da emissora. “Há meses vinha sendo dito que o contingenciamento do orçamento de custeio, que é usado para bancar despesas básicas como água, luz, telefone e benefícios, compromete o bom funcionamento das rádios, TV Cultura e Jazz Sinfônica. Mas a decisão não foi antecipada para o Conselho e, entre os trabalhadores, criou-se um clima de muita revolta e insegurança”, afirma Moraes.

A demora nos repasses foi sentida pelos empregados, sobretudo os mais fragilizados, que são contratados como PJs, expondo mais uma vez a face cruel da precarização. Em agosto os trabalhadores relataram às entidades sindicais um atraso no pagamento de salário e benefícios. “Infelizmente, esse fato chegou a se concretizar para os PJs. Antes disso, próximo ao dia de pagamento, havia essa incerteza se o salário cairia ou não na conta. Os pagamentos eram depositados em horários diferentes, gerando essa desconfiança e ansiedade nos empregados. Houve até um dia em que os colegas foram em grupo ao RH dizer que não tinham dinheiro para a condução, ou até mesmo para o almoço. O RH liberou a refeição para aqueles que ainda não tinham recebido. Foi um dia tenso, de muita pressão”, descreveu um trabalhador que pediu para não ser identificado.

A Fundação alegou diminuição da receita via publicidade para justificar as demissões, e defendeu o atual Governo, “esclarecendo” que a suspensão dos programas “nada tem a ver com o repasse de verbas realizados pelo Governo do Estado de São Paulo”, ressaltou em trecho da nota. E continuou: “A TV Cultura tem mantido relação amistosa com o governo, com o qual tem permanente diálogo. A maioria desses programas permanecerá no ar por meio de reprises, e as gravações serão retomadas em momento oportuno”, diz ainda o comunicado.

O Governo do Estado também respondeu, sucintamente, em outro comunicado: “No que compete ao aporte do Governo de SP, vale destacar que a instituição possui um orçamento previsto para este ano de R\$104 milhões, valor 10% maior do que a dotação de 2023”.

O valor contingenciado foi liberado, “apropriadamente”, próximo às eleições municipais realizadas este ano, e após intensa mobilização dos empregados, que resultou em repercussão negativa para o Governo do Estado. Houve massiva divulgação dos cortes em veículos de comunicação, o que trouxe visibilidade à situação. “Eu acredito que a mobilização dos sindicatos e dos trabalhadores que encontraram espaço da mídia para expor a situação tenha tido peso relevante, para não dizer decisivo. Porque, afinal, não é bom para alguém que apoia um candidato ser mal visto pela opinião pública, que sempre defendeu a RTV Cultura. A apreensão deste momento reside justamente no fato que, passada eleição, e se aproximando do final do ano, tenhamos mais cortes diante do cenário que se avizinha sem o Orçamento de Custeio. Muitos colegas têm medo do futuro”, explica Luiza.

“Me deixa muito intrigada saber que o dinheiro que havia sido contingenciado pelo Governo, que até então era a justificativa para o encerramento dos programas e pelas demissões, foi pago, mas nada foi

O CORTE DO REPASSE DO ORÇAMENTO PREVISTO PARA O CUSTEIO IMPACTA SOBRETUDO NOS TRABALHADORES “PJ”, QUE HOJE REPRESENTAM QUASE MIL EMPREGADOS

CAPA



© PAULO ZOCCHI

Trabalhadores reúnem-se em assembleia na porta da RTV Cultura, em 6 de setembro, para discutir os rumos de seu movimento

feito para retomar essas produções”, destaca uma trabalhadora que também não quis ser identificada. “Tudo isso acontece ao mesmo tempo em que um diretor do departamento de vendas da TV grita aos quatro cantos que a emissora nunca fatu-rou tanto em anúncios”, relata a mesma trabalhadora, indignada.

Queda de braço

A Fundação Padre Anchieta é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. Ela é a mantenedora da TV Cultura (aberta), TV Rá Tim Bum! (a cabo), Rádio Cultura FM, Rádio Cultura AM, canal MultiCultura Educação (digital), Univesp TV (digital), através do Centro Paulista de Rádio e TV Educativas. A FPA ainda é responsável pela Jazz Sinfônica e pelo Solar Fábio Prado, que abrigava o Museu da Casa Brasileira. Desde o início de seu mandato, o governador Tarcísio tem avançado no desmonte da estrutura mantida pela Fundação com um uso político do contingenciamento dos recursos aportados pelo Estado à FPA. “Você tem o orçamento aprovado e o Governo do Estado de São Paulo vai soltando a conta-gotas e de tempo em tempo, de acordo com a política do governo. Ele contingencia a verba, e depois solta aos pouquinhos para tentar sufocar a FPA. É uma forma de ter um poder de barganha para mandar na programação da televisão”, relata Sérgio Ipoldo, coordenador do Sindicato dos Radialistas de São Paulo.

O estatuto da Fundação Padre Anchieta prevê mandato de três anos a uma Diretoria Estatutária, eleita através de um pleito realizado pelo Conselho Curador da entidade. São 47 conselheiros, com representantes em cargos eletivos, vitalícios, parlamentares, representantes do governo e de instituições públicas. Apenas uma cadeira é ocupada por uma representante dos trabalhadores. O atual diretor-presidente, José Roberto Maluf, foi reconduzido ao cargo em março

de 2022, e seu mandato termina apenas em 2025. “A atual direção foi nomeada pelo ex-governador João Dória e reeleita antes do atual governador assumir. Essa aparente falta de sincronia entre a Direção e o governante de plantão foi definida lá atrás, para garantir a independência do Conselho Curador, que é o guardião dos interesses da Fundação, e tem o dever de evitar o aparelhamento da FPA. Isso sempre causou ruído”, explica a conselheira Luiza Moraes.

A presença de Maluf na direção da FPA não agrada Tarcísio, nem a sua base aliada. Ainda no primeiro semestre de 2023, parlamentares bolsonaristas criticaram a programação da emissora por ter exibido o documentário “O Autoritarismo Está no Ar: 3 Anos Depois”, produzido pelo jornalismo da TV Cultura em 2020 e atualizado após a tentativa de golpe do 8 de janeiro. O deputado Gil Diniz (PL) aprovou um “convite” à secretária de Cultura e Economia Criativa do Estado, Marília Marton, e ao diretor-presidente da FPA, José Roberto Maluf, para comparecerem à Comissão de Educação e Cultura da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, para eles “esclarecerem quais são os critérios que pautam o conteúdo televisivo exibido pela TV Cultura”, em uma clara afronta aos princípios de autonomia necessários a uma empresa de comunicação pública.

Em maio deste ano, mais um ataque. O deputado Guto Zacarias (União) apresentou um pedido de abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar os gastos da Fundação e a eleição do Conselho Curador. O pedido foi visto como mais um afronta à autonomia dos veículos de comunicação da RTV Cultura, e ao próprio Conselho Curador. “Uma CPI é algo que a gente sempre tentou emplacar na Assembleia, para olhar as contas, e nós nunca conseguimos fazer, porque os governos sempre tiveram maioria na Alesp”, relata Ipoldo.

O pedido de CPI, ao que tudo indica, teve motivações menos nobres. “O governo tentou emplacar alguns representantes para o Conselho Curador e o atual diretor-presidente resistiu, junto com os outros conselheiros”, explica Ipoldo. Ao que tudo indica, a sanha do governador não terá fim até que ele atinja o seu propósito: controlar a programação da emissora e ter maioria de representantes indicados ao Conselho Curador.

Desmonte

Não é de hoje que a RTV Cultura vem sendo atacada pelos Governos do Estado de São Paulo. Sucessivamente os Sindicatos dos Jornalistas e o Sindicatos dos Radialistas de São Paulo têm denunciado o processo de desmonte e precarização dos trabalhadores e da programação da RTV Cultura. “Entrei na TV Cultura em 2005 como PJ, desde 2011 sou celetista. São quase 20 anos e 5 diretorias diferentes. O desmonte de duas rádios e da TV públicas não começa neste Governo, para ser justa. Os reajustes que tivemos foram obtidos nos governos tucanos à fórceps com muita luta dos sindicatos, ou então, concedidos às vésperas de eleições, quando havia interesse por parte do candidato de plantão”, relembra Moraes.

Parte importante desse projeto de sucateamento está focada em uma política de arrocho salarial. A perda do poder aquisitivo para jornalistas e radialistas se avolumam e os trabalhadores estão sem acordo coletivo de trabalho firmado. O último, após greve histórica realizada pelos empregados em 2016, foi concedido pela Justiça. O Acordo coletivo deixou de ter validade em 2020. Desde então nem a Fundação, nem Governo do Estado, sentam à mesa para negociar com as entidades sindicais.

“Como você se sentiria ao ter o seu poder aquisitivo cortado pela metade? Essa é a realidade dos trabalhadores celetistas da RTV Cultura, que não raro enfrentam casos de angústia, ansiedade e depressão”, afirma a repórter Cláudia Tavares, ex-representante dos funcionários no Conselho Curador e diretora do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

Segundo estimativas dos sindicatos, os jornalistas precisariam de um reajuste salarial de 47,3% para cobrir as perdas com inflação. Os radialistas, 42,12%. “Foram

OS TRABALHADORES DA RTV CULTURA MANTÊM-SE MOBILIZADOS, EM ASSEMBLEIA PERMANENTE. UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTÁ PREVISTA PARA O FINAL DE NOVEMBRO



Cartazes e faixas na porta da emissora durante assembleia. O projeto de desmonte da comunicação pública em São Paulo está em curso

apenas cinco correções salariais na última década, sendo que a primeira apenas para os radialistas, quando a data base para a negociação ainda não era comum. A maior delas, de 10,33%, veio quando o ex governador João Dória soube que os sindicatos fariam um protesto na frente do MIS Experience, na inauguração, em 2022”, destaca.

O reajuste mais recente, realizado a partir de março de 2024, gerou desânimo: foi de 3%. Foi concedida aleatoriamente, por determinação do Governo do Estado, sem considerar os pleitos dos trabalhadores nem as pautas de reivindicações da categoria.

Na Orquestra Jazz Sinfônica, que passou a ser gerida pela FPA em 2020, trabalhadores enfrentam situação semelhante. Outro problema endêmico é a contratação de trabalhadores como “PJs”. Esses profissionais realizam as mesmas funções dos empregados celetistas, com uma remuneração inferior, e não contam com benefícios como o plano de saúde.

A insegurança é ainda maior, principalmente após os últimos cortes. “Muitos trabalhadores têm procurado os sindicatos para reclamar da falta de transparência em relação a alguns contratos firmados via pessoa jurídica, para cargos mais elevados. Remunerações de mercado, características de emissoras comerciais, caminham lado a lado com a defasagem dos trabalhadores de base, que fazem o sucesso e credibilidade da RTV Cultura”, relata Cláudia.

Os sindicatos pediram a lista de valores pagos aos trabalhadores. A direção da FPA alega que, por orientação do Departamento Jurídico, não pode repassar informações dos contratos, a não ser que cada contratado autorize, alegando sigilo. Para as entidades a questão é de transparência: onde há

dinheiro público, deve haver acesso às informações. Os salários de empregados celetistas estão no site da Transparência do Governo de São Paulo.

Cláudia Tavares acrescenta ainda que todas as tentativas de fechar um acordo coletivo de trabalho têm fracassado. E que os valores de vales refeição e alimentação são mais do que insuficientes. “Imagina garantir a compra do mês para a família com menos de 100 reais. É uma tarefa impossível”, pontua.

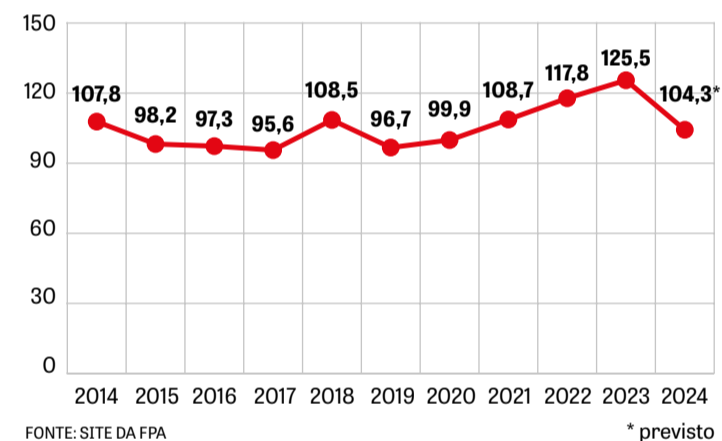
“Nós estamos com os salários defasados e não tivemos, sequer, a reposição da inflação nos últimos anos. Isso sem falar nos valores dos vales alimentação e refeição que não são suficientes para almoçar durante todo o mês no próprio restaurante da empresa”, relata um trabalhador que pediu para não ser identificado.

Hoje a RTV Cultura tem 749 funcionários celetistas e quase mil colaboradores em regime PJ. Não há acordo coletivo vigente entre a FPA e as entidades sindicais, o que fragiliza ainda mais a relação de trabalho. O horizonte é nebuloso. Em setembro, o Governo do Estado de São Paulo enviou à Alesp a proposta de orçamento para o FPA para o ano de 2025. O valor da previsão orçamentária passou de R\$104,3 milhões (2024) para R\$109 milhões em 2025. “O aumento de R\$5 milhões cobre os 3% de reposição que o Governo concedeu aos celetistas. Não cobre nem a inflação deste ano e o crescimento orgânico da folha. Para o ano que vem, o Governo do Estado previu zero para o orçamento de custeio, que terá que ser bancado com recursos próprios. Como isso poderá ser feito com queda nas receitas publicitárias? Se o contingenciamento deste ano já resultou em tantas demissões e cancelamentos, sem a previsão de ter dinheiro para o básico, como vamos sobreviver?”, exclama a conselheira e trabalhadora da RTV Cultura.

SUCATEAMENTO

O estrangulamento da dotação orçamentária, através de contingenciamento de valores previstos na LOA, pelo Governo do Estado de São Paulo, ataca diretamente o funcionamento das emissoras públicas mantidas pela FPA. A previsão de repasse para este ano era de R\$ 117,3 milhões. Porém, o Governo Tarcísio estabeleceu um contingenciamento dos recursos de custeio no valor de R\$12,8 milhões. É importante lembrar que o orçamento previsto para 2024, R\$ 104 milhões, já é menor nominalmente do que o de dez anos atrás, quando foram empenhados R\$ 107,8 milhões de repasse à FPA. Com a correção da inflação no período, o valor repassado no ano de 2024 é 45,4% menor do que o de 2014.

Repases do Estado (em milhões de reais)

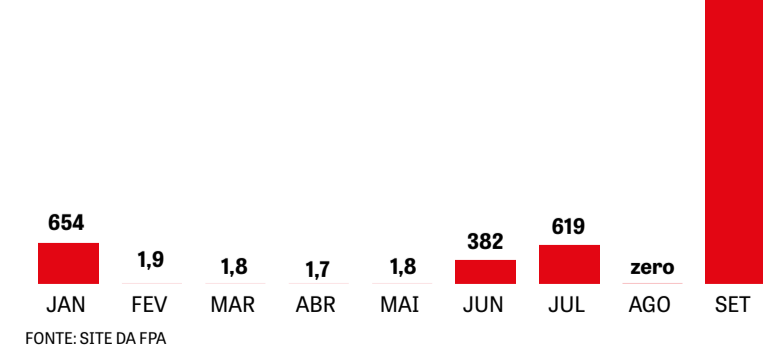


A CONTA-GOTAS

Os repases para a RTV Cultura foram feitos a conta-gotas ao longo deste ano. Até setembro foram liberados para a FPA R\$81,6 milhões. Os dados, disponíveis no próprio site da Fundação, mostram como o Governo do Estado tem represado o repasse, o que explica, em parte, os cancelamentos e atrasos em salários.

Conforme documento da Gerência de Orçamento Controladoria e Financeiro da FPA, os repases mensais para o custeio obedeceram uma dinâmica de sufocamento das atividades das emissoras, que entrou em colapso justamente em agosto, quando o Governo Tarcísio simplesmente cortou totalmente as verbas para esse fim. De maneira oportuna, o Governo injetou mais de R\$ 5 milhões de uma vez em setembro, durante o período eleitoral, somente após o anúncio dos cancelamentos e das demissões.

Repases para Custeio em 2024 (em milhares de reais)



MORTE HERZOG

CRIME SEM PUNIÇÃO



O jornalista Vladimir Herzog, sindicalizado número 2.582, apresentou-se espontaneamente nas dependências do DOI-Codi, órgão repressivo da ditadura militar, na manhã do sábado 25 de outubro de 1975. Os agentes tinham se apresentado na véspera em seu local de trabalho; Herzog dirigia o jornalismo na Rádio e TV Cultura. Recusando-se a sair em meio ao expediente, comprometeu-se a comparecer ao órgão no dia seguinte logo cedo.

Saiu de casa pela manhã, despedindo-se da mulher, Clarice, e dos filhos, como quem iria resolver algum problema burocrático e voltar logo. Antes do final do dia, Vladimir Herzog tinha sido assassinado, sob tortura.

Os algozes tentaram simular um suicídio, apostando no terror para silenciar as vozes descrentes. Já no enterro, na

segunda-feira 27 de outubro, no Cemitério Israelita do Butantã, a farsa ruía: Herzog recebeu cerimônias fúnebres incompatíveis com alguém que mata a si próprio. Naquela noite, o auditório lotado do nosso Sindicato recebeu o nome de Vladimir Herzog, e tornou-se, desde então, um espaço aberto para os movimentos de resistência à ditadura, para o sindicalismo combativo, para os defensores da democracia e dos direitos humanos. Assim permanece até hoje.

Para este Sindicato, o assassinato de Vladimir Herzog é um crime impune, que ainda clama por investigação, apuração e punição dos responsáveis – bem como todos os incontáveis crimes cometidos pela ditadura militar. São imprescritíveis, e tarda o desmonte dos porões e de sua doutrina de tortura e morte, espalhada pelo aparelho militar-policial brasileiro.

Neste ano que antecede o cinquentenário da morte de Vlado, o jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no

UNIDADE INICIA PUBLICAÇÃO DE MATERIAIS HISTÓRICOS RELATIVOS AO ASSASSINATO SOB TORTURA DE VLADIMIR HERZOG, CUJO CINQUENTENÁRIO SE COMPLETA EM 2025

Estado de São Paulo, trará a cada número publicações de valor histórico, recuperando aquele momento de trauma e também de muita luta na história desta entidade.

Nesta edição, publicamos em fac-símile a corajosa reportagem do jornal *EX-*, único órgão de imprensa a noticiar em profundidade o crime do regime então vigente. Pagou a ousadia com a própria existência: foi o último número da publicação. Ao escolher publicar o fac-símile, pelo valor histórico, já nos desculpamos de antemão com o leitor que vai experimentar alguma dificuldade de leitura do texto.

Publicamos também a primeira parte de um texto de Sérgio Kalili, jornalista da RedeTV e diretor do Sindicato, filho de Narciso Kalili, um dos autores da matéria do *EX-*. Sérgio se incumbiu da matéria que reporta quem foram os jornalistas que enfrentaram o regime para noticiar o brutal assassinato. Pelo seu tamanho, decidimos dividir a matéria em duas partes, publicando aqui a primeira. Boa leitura!

NO FIO DA NAVALHA

JORNALISTAS CORAJOSOS FIZERAM A ÚNICA MATÉRIA DE FÔLEGO SOBRE A MORTE DE VLADO NAQUELE MOMENTO, CONTRIBUINDO PARA A QUEDA DA DITADURA

por Sérgio Kalili

Narciso Kalili mostra um logotipo de uma capa de jornal. Lembra um pouco de Coca-Cola. “Ó nós aqui outra vez”. “Foi mais uma tentativa de fazer o EX-, a última”. Meu pai era de uma turma corajosa de jornalistas, que, como fica claro, não perdia o bom humor nem o sarcasmo, mesmo sob a ditadura militar. Não vivia de passado, mas eu estava curioso, e ele tinha guardado alguns dos trabalhos que mais gostou de fazer durante os anos 1960 e 1970.

O independente EX- começou a morrer depois de uma de suas maiores, e, sem sombra de dúvida, a mais importante reportagem. “Escrevemos a seis mãos”, brinca Mylton Severiano, o Myltainho. “Cada hora sentava um à máquina. Saía um, descansava um pouco no sofá, vinha outro, continuava... Comecei eu, veio o Narciso ou o HAF [Hamilton Almeida Filho] ...”

A manchete da edição da matéria sobre a morte de Vlado, reproduzida em fac-símile nesta edição do *Unidade*, é o estribilho do Hino da Proclamação da República: *LIBERDADE LIBERDADE ABRE AS ASAS SOBRE NÓS*. “Esse título é do Narciso”, lembra Dácio Nitrini, um aprendiz de feiticeiro à época.

Jornais sob ameaça

O EX- não tinha censura prévia, imposta quando a ditadura militar acreditava haver necessidade. O que dizia o decreto-lei N° 1.077, de 26 de janeiro de 1970, do presidente general que mais matou gente, Emílio Garrastazu Médici:

“Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.

Art. 2º Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal, verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos,

a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.”

Nos jornalões, para não arriscar, o governo destacou funcionários públicos censores com a função de checar o que seria publicado antes. Nos periódicos menores, as autoridades obrigavam o envio prévio do material à Polícia Federal para aprovação somente àqueles em que queriam exercer controle maior.

No início, escapavam do torniquete. Deve ser porque nem sempre os militares entendiam as denúncias, reportagens e textos em forma de ironia e sarcasmo da turma, ou vai que pela distribuição, restrita a São Paulo e a poucos pontos de venda no Rio. “A distribuição era própria, com os exemplares deixados em sistema de consignação nas bancas. Saíam da gráfica, eram colocados no porta-malas da perua do Narciso e distribuídos. Os jornalistas da equipe mal viviam do EX-, a maioria fazia freelance ou tinha um segundo emprego. E como era um grupo muito unido, com espírito coletivo, apoiava-se quando necessário”, conta Dácio.

A tiragem pode ser outra explicação para a falta de censura imediata. Não era pequena, também não era gigante. A maioria das edições ficava em torno de 18 mil exemplares. A exceção foi a do Vladimir Herzog, com duas tiragens que somaram cerca de 50 mil.

Por óbvio, a censura estava de olho. Volta e meia os jornalistas que faziam o EX- eram chamados a prestar contas. Alguns terminaram presos. Mesmo quando quem deu voz de prisão não entendia muito a matéria.

O grupo acabava descobrindo o quanto incomodava, ou conhecendo a reação da repressão, com a publicação já na rua. Se, por um lado, sem o controle prévio da ditadura, havia a chance de ousar primeiro e perguntar depois, por outro, o risco poderia ser maior.

“Nós passamos mais sufoco do que o Raimundo [Pereira]. Por que? Porque o [jornal] Movimento tinha censura prévia, então, mandava o material [para o Serviço de Censura de Diversões Públicas do Ministério da Justiça, que dizia] ‘não pode’, rabiscou, acabou”, afirma Myltainho. “Mas também não éramos idiotas de nos entregar. A reportagem sobre a morte do Vlado é um exercício de..., como é que se chama aquilo? Fio da navalha de monta. Um baita exercício de fio da navalha, dizer tudo sem dizer. Sabe o que é dizer tudo sem dizer? Quem assinou a matéria? A matéria é assinada no próprio texto.”

“Quem ouviu a notícia foi um de nós”

A reportagem começa assim: “Quem dava a notícia, às 2:30 da madrugada de domingo (26/10), pelo telefone, era Sandro, locutor e funcionário da TV Cultura, SP. Quem atendeu e ouviu a notícia foi um de nós: Mylton Severiano da Silva.”

Quem ligou foi Sandro Villar, que falou comigo recentemente. “Seu pai foi um pai pra mim na TV Cultura. Sempre lembro dele, do Myltainho, de todos. Liguei pra dar a triste notícia, e estive em vários lugares, inclusive onde estava o corpo do Vlado.”

Em outro trecho, adiante, mais dos autores:

“Myltainho, Narciso e Palmério [Dória] relembram agora para o EX-:

“O Vlado chegava sempre no meio da tarde, aí pelas 4 e meia. Naquela época, ele era uma espécie de secretário do telejornal. Era de chegar trabalhando: pegava a pauta, lia imediatamente com uma atitude muito sua, a de coçar alguns cabelos do alto da cabeça, de pé, e o papel na outra mão.”

Hamilton também assina algumas vezes, como em um diálogo que tem com um entrevistado:

“– Pelo amor de Deus! Me poupe!”

Paulo Nunes nervoso, mãos trêmulas, camisa de seda azul com bolas brancas, pede ao EX-editor Hamilton Almeida Filho (dentro da redação do telejornal da TV Cultura), que faça como todos os jornalistas e omita o seu nome da história da morte de Vladimir Herzog.”

Em alguns trechos, a reportagem diz que Vlado foi assassinado sem dizer.

“As cerimônias do enterro de Vladimir Herzog realizaram-se por completo e de acordo com os ritos seguidos pelas correntes liberais da religião judaica, à qual os familiares de Herzog são filiados. Foram cerimônias normais, pois o Chevrach Kadish – Sociedade Sagrada – não encontrou indícios que comprovassem o suicídio do jornalista, o que implicaria a alteração dos procedimentos, inclusive o sepultamento em local diferente.”

Aqui também:

“Clarice Herzog, junto com os editores do EX-, examina o seu depoimento a essa reportagem. Passados 10 dias, Clarice mostra a mesma clareza de raciocínio e coragem com que lutou desde o velório:

– Eu vou ser convocada para depor no inquérito que investiga como meu marido morreu. Pode ser que não adiante nada. Mas eu, meus filhos e o Vlado merecem que eu tente. Com a Ordem dos Advogados, com a Comissão de Justiça e Paz da Cúria, com o Sindicato dos Jornalistas, ou sozinha. Eu, realmente, não assumi a morte do Vlado. Não senti medo, não sinto agora.”

Jornalistas de resistência

A turma da resistência que fundou o EX-, em 1973, conhecia Herzog.

“Tinham trabalhado com ele, no mesmo telejornal, Mylton Severiano, Narciso Kalili, Palmério Dória de Vasconcelos, EX-editores. Todos chegaram a trabalhar juntos, entre 73/74, durante a primeira vez em que Vladimir Herzog entrou para a TV Cultura.”

Os principais EX-editores vinham da revista *Realidade*, da Editora Abril. Solidificaram uma amizade tão forte e íntima que o escritor e jornalista Roberto Freire, membro do grupo, dizia que eram todos “cúmplices”. Fez até um livro com esse título em que fala da amizade, irmandade, em tempos bicudos. “Nesse livro, refiro-me ao seu pai, a toda a turma”, disse Bigode, como era chamado pelos

MORTE HERZOG

amigos, depois de me abraçar, durante o lançamento do livro no Conjunto Nacional, em 1995.

Sérgio de Souza, o “Serjão”, a quem todos chamavam de “Capitão”, o mestre-editor de texto de *Realidade*, e Narciso Kalili, uma máquina de criatividade e ousadia, viviam tão grudados que Ricardo Kotscho brincava e se referia aos dois como “o casal”. José Hamilton Ribeiro apontava que a cúpula da revista era Sérgio, Narciso, Eduardo Barreto, diretor de arte, e Paulinho (Paulo Patarra) – na prática, o diretor da revista; nos créditos, redator-chefe. Narciso, ele próprio, estampou duas capas: uma de diabo e outra se injetando para uma matéria sobre drogas.

Serjão conheceu Narciso no *Notícias Populares*, em 1963, onde ingressou como repórter. Kalili foi chamado para dirigir a primeira equipe do jornal. No início, o NP era popular, mas não escorria sangue, era sofisticado. “Na época existiam duas escolas de jornalismo. Narciso pertencia à da Última Hora. Eu [Sérgio de Souza] era da *Folha da Manhã e da Noite*, ainda não era a *Folha* de hoje.” Na equipe, José Hamilton Ribeiro e Percival de Souza, também originários da Folha.

Com a queda do presidente João Goulart, em 1964, Narciso é demitido e entra primeiro na revista *Intervalo*, da Editora Abril, uma das pioneiras publicações especializadas em televisão, para depois passar para a *Quatro Rodas*.

Sérgio de Souza vai direto à redação de *Quatro Rodas*, exatamente no dia do Golpe de 1964, levado literalmente de carro por José Hamilton Ribeiro, então redator-chefe da publicação (Serjão nunca fez questão de dirigir). Cerca de dois anos depois, a *Realidade* é criada. “Viramos irmãos, Narciso e eu, em *Realidade*”, recorda Sérgio.

Quatro Rodas foi um ensaio para a revista *Realidade*. Estavam todos de passagem. Quando Mino Carta deixou a direção da publicação e rumou para o *Estadão*, Patarra tomou conta. “*Trocamos turismo por índios: ‘O povo deve morrer’*” [título de reportagem de Carlos Azevedo, o Azê ou Azevedinho, com o fotógrafo Luigi Mamprin].

Azevedo explica que enquanto Patarra discutia lá por cima, com a direção da Abril, como seria a futura publicação, ele quis dar um sinal da competência de sua equipe. “Mandou-me fazer uma reportagem sobre os índios de todo o Brasil, um grande balanço que envolveu quase três meses de viagem pela Amazônia e outras regiões. E saiu no lugar do caderno de turismo de *Quatro Rodas*, uma denúncia da trágica situação das tribos indígenas numa revista de automóvel!”

Carlos Azevedo definiu Patarra como um “arquiteto de revistas, condutor de equipes”. Teve outros sucessos, como *Vejinha*, mas “sua obra máxima foi *Realidade*”. Vai ser Patarra, outro EX-editor,

O EX-PAGOU COM A SUA EXISTÊNCIA A OUSADIA DE SEUS JORNALISTAS. COMPROMETIDOS COM A VERDADE E A JUSTIÇA, FORAM ELES QUE DENUNCIARAM CORAJOSAMENTE O ASSASSINATO DE VLADO

quem vai dar uma injeção de dinheiro no exemplar da morte do Vlado.

Paulinho começou a montar a equipe. “*Levei para Realidade quase todos os que tinha enfiado na Quatro Rodas e em outras revistas da Abril: o ‘maluco beleza’ do Narciso Kalili veio de Intervalo, Eduardo Barreto estava escondido em Claudia e Hamilton Almeida Filho, um gênio diabólico, como outros, veio da rua.*” (entrevista concedida ao jornalista Gil Campos.)

Dos tempos de faculdade

Zé Hamilton, Patarra conhecia da Faculdade Casper Líbero, de onde foram expulsos por liderar uma greve de estudantes. Cada novo nome aventado gerava debate em quem já estava no time. “O Roberto Freire só entrou em *Realidade* porque seu pai o bancou. O Sérgio de Souza só entrou em *Realidade* porque o Zé Palmito (Zé Hamilton Ribeiro) queria puxá-lo. E eu queria seu pai.”

Patarra havia conhecido Kalili antes. “Era cabeludo. Muito preparado, politizado. Fazia história na Maria Antônia.” Foi quem iniciou Narciso no jornalismo, convidando-o, em 1959, para trabalhar no *Notícias de Hoje*, publicação do então Partido Comunista do Brasil (PCB), em São Paulo. Depois, foram para o jornal de Samuel Wainer. “Éramos iguais. Por coincidência, eu estava na chefia [de *Realidade*], então, me desafiava. E isso praticamente só ele fazia comigo. Seu pai e eu vínhamos da Última Hora, do jornal dos comunistas. Nós éramos um grupo, eu e ele.”

Conta de certa vez que o amigo-irmão gastou toda a verba da reportagem com a população simples de uma aldeia de pescadores, em Canoa Quebrada, no Ceará. E verba em *Realidade* nunca era pouca coisa. Até hoje, volta e meia, sou procurado por filhos ou netos de personagens ou moradores mais novos de lugares das

matérias de meu pai, que deixaram marcas duradouras.

Myltainho, que também passou por *Quatro Rodas*, vem depois, pelas mãos do secretário de redação da revista, Woile Guimarães, seu compadre de Marília, onde nasceram, e do amigo da *Folha* Ottoniel Santos Pereira. “O lema de Patarra era ‘só vem para o nosso grupo bom texto e bom caráter’”, revela. Passa a ajudar Serjão na edição dos textos da “cambada”.

Talento precoce

Hamilton Almeida Filho, o HAF, ou Hamiltinho, o outro EX-editor que, com Myltainho e Narciso, fechou a reportagem da morte de Vlado, entra ainda mais tarde. Era precoce, um dos mais novos da turma.

“A primeira vez que eu perguntei: mas, quem é esse cara?!, esse cara era o Narciso Kalili, foi em 1962.” HAF tinha 16 anos. Era foca do jornal carioca *A Noite*. Acabara de começar na profissão, nas férias de julho de 1961. Em janeiro do ano seguinte, viajou para São Paulo para a cobertura da luta de Eder Jofre contra John Caldwell.

Como *A Noite* não tinha sucursal, o pai dele fez um bilhete ao editor de Esporte da *Última Hora*, de quem tinha sido amigo, Álvaro Paes Leme, pai do Álvaro José, da Bandeirantes. Paes Leme o tratou como filho e arrumou uma mesa, telefone, telex, “o diabo a quatro”, na redação de Samuel Wainer.

“Todo dia, sete horas da noite, chegava um cara, sentava na editoria de polícia e começava a transar o seu trabalho. Isso não seria nada se de repente outro cara não gritasse: Jacaré! E outro, do outro lado, lá: Jacaré! Jacaré! E, outro, Jacaré! E aí, quando tava no auge dessa coisa toda, Narciso subia na cadeira e: Jacaré é a puta que o pariuuuu!!!! Toda a redação aplaudia e vibrava, e, depois, todos continuavam como se nada tivesse acontecido. Esse é Narciso Kalili. Foi assim que esse puta cara entrou na minha cabeça, entrou na minha vida. Já de uma maneira subversiva. E ele era popularíssimo na redação. Uma coisa dele, que vai marcá-lo a vida toda.”

Narciso tinha muitos apelidos, Bagdá, Turco, mas Jacaré, Hamiltinho não sabe o porquê. Ele vai voltar jornalista-pronto a São Paulo na virada de 1963 para 1964, pelas mãos de Audálio Dantas, que vai buscá-lo no *Jornal do Brasil* e levá-lo à revista *O Cruzeiro*. Fica amigo-irmão de Kalili e da turma quando começa em *Realidade*, em agosto de 1967.

Em 1991, Célia Chaim escreveu uma matéria para celebrar o nascimento de *Realidade*. “*A revista não corria atrás do que os jornalistas chamam de furo, uma notícia que ninguém deu. Seu furo mensal aparecia na maneira como eram tratados os assuntos. Nenhuma reportagem podia passar para o papel sem emoção.*”

Dizia o olho da reportagem: “*Há 25 anos, o mercado editorial brasileiro conhecia sua única experiência de imprensa ao mesmo tempo livre, ousada, abusada, criativa, inteligente – e lucrativa. A revista durou dez anos, fez escola e até hoje é discutida nas faculdades de jornalismo, enquanto a maioria dos repórteres reconhece: nunca foram tão felizes.*”

Darci Ribeiro cravou: “Boa demais para durar”. A turma original cria a publicação em abril de 1966, e inicia a debandada em 1968.

“*A forma como Realidade tratou assuntos-tabu (principalmente sexo, vida de operário, de estudante e de padre) ia moldando um estado de espírito que Millôr Fernandes definiria, como a ‘geração Realidade’*”. Reproduziu José Salvador Faro, em seu livro *Realidade, 1966-1968, Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*.

Na última entrevista de Serjão, em fevereiro de 2008, respondeu à estudante Luciana Chagas.

– O que você acha do lide?
– Acho dispensável, porque não acredito em regras para escrever na imprensa, ou nunca teríamos nada novo no horizonte.

Tinham pavor dos manuais de redação.

Se existia alguma regra, era ficar enquanto pudessem fazer jornalismo puro, e jornalismo se exercia com liberdade de consciência quase total. Ninguém podia se sujeitar. As ideias eram colocadas ao padrão sem que ele nem percebesse. Por isso, as reuniões de pauta, as verdadeiras, não aconteciam na Abril, mas na casa do pessoal, cada hora na casa de um. Quando se reuniam com Roberto Civita, o diretor formal da publicação, o filho do dono, já tinham tudo pronto.

“A gente chegava com tudo armado. Era uma puta de uma canalha! Uma canalha super preparada”, HAF abre o sorriso. “A gente chegava na reunião [formal de pauta, na editoria], sabendo quem é que ia sugerir tal matéria. Quem é que ia sugerir uma viagem... porque quem ia viajar era o outro. Pô, ‘nós precisamos mandar um cara para o Vietnã’. Qualquer pessoa sugeria, menos o Zé Hamilton. A gente já sabia que íamos mandar o Zé. Era um time muito unido e sabia agir politicamente.”

E o grande artífice dessa relação da equipe com o filho do dono, que segurou dois anos, foi Paulo Patarra, além de ser um dos responsáveis pelo projeto e por dar padrão à revista. “Ele era o cara que dizia: ‘Roberto, isso que você está falando é bobagem’. Chamava o sujeito de burro... E o Roberto concordava.”

Anos mais tarde, Patarra vai torrar boa parte da indenização da demissão que recebeu da Abril, de onde só saiu no início dos anos 1970, para bancar a edição do EX- que noticiava a morte de Vladimir Herzog. ●

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

A MORTE DE VLADO

Nós não sabíamos de nada. E agora?
- Olha... você já soube do negócio do Vlado?

- Não, não tô sabendo de nada.
- Pois é, você sabe que ele tinha se apresentado, né?

- Não! Não tô sabendo de nada!...
- Pois é, infelizmente ele morreu.

Quem dava a notícia, às 2:30 da madrugada de domingo (26/10), pelo telefone, era Sandro, locutor e funcionário da TV-Cultura, SP. Quem atendeu e ouviu a notícia foi um de nós: Mylton Severiano da Silva. Na casa, terminando de assistir à final amadora de futebol, Brasil x México, direto pela TV, outros do Ex: José Trajano e Márcia Guedes.

A voz de Sandro, normalmente um vozeirão, soava grave e sem nenhuma entonação:

- ... o II Exército vai distribuir uma nota... eu tô avisando... e você avisa aí os outros caras que são amigos dele também.

De manhã, no domingo, o primeiro telefonema acordou a casa às 8 e meia. Era Ingo Reinaldo; tinha trabalhado com Vlado na TV-Cultura por uns dois anos, assim como, por um período um pouco menor, tinham trabalhado com ele no mesmo telejornal, Mylton Severiano, Narciso Kalili, Palmério Dória de Vasconcelos, Ex-editores. Todos chegaram a trabalhar juntos, entre 73/74, durante a primeira vez em que Vladimir Herzog entrou para a TV Cultura.

- Olha, Myltaíno, eu tô indo pra casa da Clarice (mulher do Vlado)... Olha, eu

acho que o enterro é hoje mesmo. Em todo caso, faz o seguinte: eu vou te deixar o telefone da Clarice, e mais tarde você liga pra lá e se informa, tá legal? - dizia Ingo, um amigo mais chegado de Vladimir.

Nessa altura, muitos já sabiam, outros começavam a saber. Em casos como este, os jornalistas já se habituaram a recorrer ao único jornal que eles sabem que vai dar alguma coisa: O Estado de S. Paulo. E é hábito também folheá-lo, atentamente, à cata do que os jornalistas mesmo chamam de "pirulito", a nota de uma coluna. Ao pé da página 44, no Estadão de domingo, 26/10, podia-se ler:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo divulgou nota oficial comunicando a prisão do jornalista Vladimir Herzog, do Departamento de Jornalismo da TV-Cultura, ocorrida ontem. Vladimir encontra-se no Departamento de Operações Internas do II Exército, onde se apresentou ontem de manhã para prestar depoimento.

A nota apresenta, ainda, o nome dos jornalistas que se encontram presos naquele Departamento: Sérgio Gomes, Marinilda Marchi, Paulo Sergio Markun, Ricardo de Moraes Monteiro, Luiz Paulo da Costa, Anthony de Christo, Frederico Pessoa da Silva, Rodolfo Konder, Luiz Vidal Pola Galé e George Duque Estrada. Ontem, parente de Maria Theresa Egger Moellwald - mulher do jornalista Duque Estrada - anunciou sua prisão, ocorrida

em sua residência na noite de sexta-feira.

Em Santos, o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Moacir de Oliveira, foi preso na sexta-feira por elementos que se identificaram como sendo do II Exército".

Myltainho, Narciso e Palmério relembram agora para o EX:

"O Vlado chegava sempre no meio da tarde, aí pelas 4 e meia. Naquela época ele era uma espécie de secretário do telejornal. Era de chegar trabalhando: pegava a pauta, lia imediatamente com uma atitude muito sua, a de coçar alguns cabelos do alto da cabeça, de pé, e o papel na outra mão. Sua função era editar e botar no ar o telejornal que nós fazíamos, com uma equipe de mais de 20 pessoas. Ou seja, às 21 horas em ponto, com script na mão, ele acompanhava da técnica os 30 minutos de "Hora da Notícia", como um responsável e representante da redação, ali na hora, no estúdio. Lembramos dessas imagens de Vlado depois de termos visto a notícia acima, no Estadão. Na véspera de morrer, apesar de ser agora, nessa sua segunda entrada na TV-Cultura, diretor do telejornal, Vlado desempenhou praticamente as mesmas funções. Foi o último "Hora da Notícia", que ele colocou no ar, na sexta-feira".

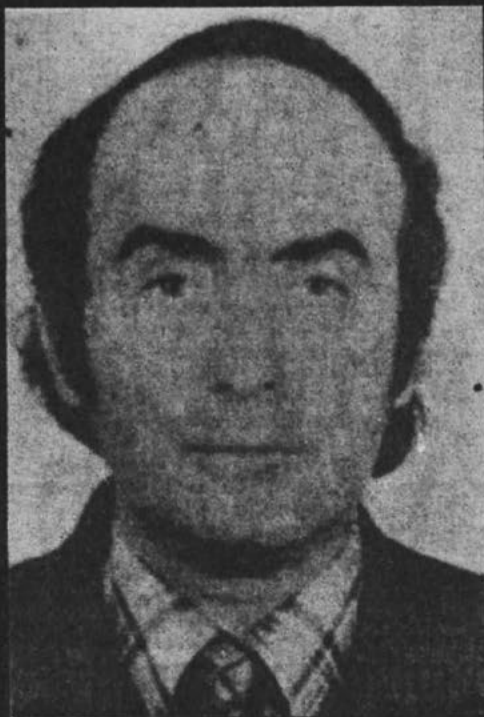
O domingo já tinha amanhecido com cara de dia pesado: cinza no tempo e no interior de todas as pessoas atingidas pelas notícias, ainda boca-a-boca. Cada pessoa, ao ouvir a notícia da morte

de Vlado, sentia-se como que atingida por uma bomba de medo, perplexidade!

Sem segredo, de maneira geral todos os jornalistas da cidade de São Paulo se conhecem, mas, se normalmente pouco se comunicam entre si, a partir da notícia se uniram em torno das informações. Ou da falta delas. Até o meio-dia eles se telefonavam de redação para redação, de casa para casa, à procura de amigos e pessoas que soubessem dos fatos. Ainda se pensava que o enterro seria naquele mesmo dia e aguardava-se uma nota oficial prometida pelo II Exército. Tudo era um choque só: a prisão, a morte e a notícia de que, ao comunicar o fato ao Presidente da Fundação Padre Anchieta (TV-Cultura), Rui Nogueira, as autoridades haviam adiantado a causa-mortis - suicídio.

Era inacreditável! Uma tragédia. Passamos todos a vivê-la, intensamente. Alguns jornalistas começaram a marcar encontro no Sindicato, no centro da cidade, próximo às redações. Outros amigos, jornalistas, intelectuais, políticos de outros Estados, avisados, começavam a rumar para São Paulo.

Nós, nesse meio tempo, procurávamos saber como Vlado tinha sido preso. Não tinha sido. Na sexta-feira, entre 20 e 21 horas, tocou a campanha na casa de Vladimir Herzog. Um sobrado de fundos, no fim da rua Oscar Freire, uma travessa da rua Augusta. Clarice Herzog, 34 anos, casada com Vlado há mais de 10 anos, mãe de André (7 anos) e Ivo (9 anos), atendeu. Dois senhores, recém-



A MÃE: "NÓS FUGIMOS DO NAZISMO"

saidos de um Corcel, perguntaram pelo marido. O motivo da visita: encomenda de um free-lancer (um trabalho extra) a Vlado.

Dezenas de pessoas haviam sido presas em São Paulo nos últimos dias. E na própria sexta, mais três jornalistas tinham sido detidos (Rodolfo Konder, da revista *Visão*; George Duque Estrada, de *O Estado de S. Paulo*; e José Vidal Pola Galé, da *Agência Folhas*), conforme o jornalista Júlio de Mesquita Neto havia divulgado durante o dia, na última sessão da XXXI Assembléia Anual da Sociedade Interamericana de Imprensa, a SIP, realizada no Hotel Hilton. Clarice fez ver aos dois estranhos que Vladimir não estava interessado em trabalhos extras.

Os homens se retiram, Clarice pegou os dois filhos e na Belina do casal foi buscar o marido na televisão. De casa até lá, não deve ter levado mais de 25 minutos, para cortar a região dos chamados Jardins e alcançar uma das maiores avenidas periféricas da cidade, a Marginal do Rio Tietê. A televisão fica ali, ao lado da ponte para o Bairro do Limão - Freguesia do O. Atrás de uma indústria, numa rua-zinha em curva que praticamente comporta apenas o trânsito de funcionários e visitas da TV. Por isso, a rua de apenas duas quadras tem o nome de um jornalista falecido na década passada, Carlos Spera, ex-repórter de televisão. Quem chega, da rua só vê o muro e as edificações mais altas. O portão principal vive fechado, só abre para carros da Fundação Padre Anchieta ou de seus diretores. É à esquerda desse portão que fica a portaria, com funcionários para identificar quem chega. Quem não trabalha na Casa é obrigado a deixar um documento com o porteiro e preencher uma ficha de identificação para poder entrar. A televisão é um conjunto de galpões, separados por espaços gramados. É neste cenário, rua Carlos Spera, 179, que se desenrolarão as cenas de tentativa de prisão de Vladimir Herzog, nesta noite de sexta-feira, após 21:30 horas.

"Conheci o Vlado há pouco mais de 1 ano quando fui trabalhar na TV-Cultura. Trabalhamos juntos naquela vez por uns 3 meses.

No fim de 74, Vlado deixou a Cultura para ficar só na Visão até que nos reencontramos novamente na Cultura agora no começo de setembro. Foi a convite dele que passei a ser um dos editores do "Hora da Notícia".

No começo da madrugada de domingo, quando recebi o aviso que o amigo Vlado estava morto, o que senti foi terrível. Eu havia acompanhado tudo na sexta-feira. Naquele dia à tarde, Vlado veio sorrindo ao meu encontro na redação. Embora diretor, ele mesmo se escalava para trabalhar aos sábados. Ele me pedia que fizesse pra ele aquele sábado; estava muito cansado e queria passar um fim de semana diferente com a família.

Naquela tarde, ele mesmo dirigiu a edição do telejornal; e foi comigo (às 21

horas) acompanhar a transmissão do "Hora da Notícia". Quase no fim do programa, desceu para ir à lanchonete. No fim da escada, os dois agentes já estavam à espera dele.

Logo depois fui avisado e descendo correndo para encontrar o Vlado com os dois homens no corredor que dá para o portão da TV. Um colega repórter, Chico Falcão, já estava lá e eu fiquei junto. Não deve ter demorado um minuto pra chegar a Clarice e os dois filhos. Vlado se afastou um pouco e disse pra ela ir para o sítio com as crianças que ele iria depois. Ela percebeu e encostou também. Vlado explicou que aqueles dois homens eram agentes e estavam ali para levá-lo. Clarice afastou as crianças. Vlado fez menção de andar com os dois agentes até a porta da saída, quando o meu colega ponderou que ele não poderia ir sem antes dar as instruções para um programa que ainda seria transmitido naquela noite e para uma reportagem que deveria ser feita no dia seguinte. Um dos agentes retrucou que não poderiam esperar. "Ainda temos que passar em outros lugares". Vlado pediu que esperassem um pouco. Ele era o diretor-responsável e eles podiam acompanhá-lo. Só por isso chegou a voltar à redação, onde os companheiros já se mobilizavam para conseguir a interferência da Presidência da Fundação. Que me lembre, nunca vivi antes momentos de tanta tensão. Eu não ignorava, é claro, esse tipo de coisa. Mas nunca tinha assistido a qualquer prisão e muito menos à prisão de um amigo sem saber por quê, porque não há papel. Além disso, era noite e, no máximo, só se poderia presumir para onde ele seria levado.

Fiquei na redação sem condições de fazer nada, se é que alguém tinha condições de trabalhar naquelas circunstâncias. Só as crianças me pareciam tranquilas. E quanto a mim, muito mais controlado me parecia o Vlado a dar de ombros quando sua mulher lhe perguntou se estava tranquilo e a confirmar depois que estava com a receita médica.

Ainda por interferência do colega repórter (Chico), o superior dos 2 agentes concordou, por telefone, em permitir que o Vlado continuasse em seu local de trabalho até as 11 da noite, enquanto era providenciada a localização de alguém para substituí-lo.

Nesse período, um dos agentes permanecia sentado num canto da redação e o outro se mantinha perto do portão. Às 11 e 5, o homem que estava lá fora voltou a entrar, quando se aproximou do Vlado, falou: "Bem, o senhor cumprindo ordens e eu também estou cumprindo ordens. Mas chegamos a um acordo e então o senhor pode continuar seu trabalho. O senhor deve se apresentar amanhã cedo (sábado, 25/10/75), na rua Tomás Carvalho, 1030." Pergunta do Vlado: A que horas?

R - Às oito.

P - Devo procurar por quem?

R - Capitão Borges (foi o que entendi). Vlado - Estarei pontualmente lá. Agradeço a compreensão dos senhores.

Boa noite.

Pra mim, foi um grande alívio.

Fiquei ainda uns 10 minutos na redação. Vlado parecia agora totalmente tranquilo e satisfeito em saber que, ao menos, poderia passar a noite em casa. Ele sabia dos seus colegas que estavam presos e me disse que estava absolutamente tranquilo quanto a si. E depois: "Espero, apenas, que possamos conversar cavalheirescamente".

Disse-lhe que não esqueceria suas recomendações para o jornal de sábado e nos despedimos com um forte abraço.

Sábado à tarde, na redação, sabíamos apenas que ele havia se apresentado no horário.

A noite, a única versão era a de que ele talvez não sairia antes da segunda-feira.

A edição de sábado do "Hora da Notícia" foi ao ar novamente e sobre o filme de abertura saiu a legenda: Diretor-Responsável - Vladimir Herzog. Vlado tinha assinado o jornal depois de morto". (Demétrio Costa fez este relato antes do presidente Rui Nogueira ter recebido determinação do secretário de Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, proibindo seus funcionários mais graduados de dar qualquer declaração sobre o fato. Demétrio, 27 anos, é editor de "Hora da Notícia" e chefe de redação das rádios Tupi e Difusora. Jornalista há 11 anos; começou com 16 incompletos, redigindo para o programa "Primeira Hora", da Rádio Bandeirantes de São Paulo.)

A sede própria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo é um andar inteiro, na sobrelajeira de um edifício-galeria da rua Rego Freitas, atrás do Hotel Hilton e do velho Teatro de Arena. Ao lado do "Som de Cristal", a mais tradicional casa de danças da cidade. É ponto de grande movimentação noturna, principalmente em fins-de-semana. Mas, durante o dia, nos domingos, a Rego Freitas fica deserta.

A tarde, nesse domingo, dia seguinte à morte de Vlado, os jornalistas que se aproximavam de seu Sindicato podiam reconhecer, entre os transeuntes, colegas de profissão; um balançar de cabeça e um aceno de mão eram os cumprimentos silenciosos. Nós estávamos sedentos de informações e ainda queríamos saber o que fazer.

O presidente do nosso Sindicato, Audálio Dantas, que tinha ido a uma reunião da classe em Presidente Prudente (500 km da capital), avisado por telefone na madrugada de domingo, era um dos jornalistas que chegavam. Havia conseguido o 16º lugar num avião Bandeirante (15 lugares) e já assumia a liderança das ações. Procurou contato com a família de Vladimir. E nos contou o encontro que mais o emocionou, com Dona Zora Herzog, a mãe de Vlado (o pai, Ziegmond, morreu há cerca de 3 anos).

- Cheguei, me identifiquei como presidente do Sindicato, ela me abraçou chorando: "Nós fugimos do nazismo e escolhemos o Brasil porque achávamos que era um país de liberdade". Fiz força para não chorar, pela primeira vez.

Quando alguns de nós chegávamos ao Sindicato, domingo à tarde, outros colegas saíam: iam ao *Jornal da Tarde*, a redação mais próxima, buscar a nota oficial do II Exército. Eram 16 horas.

"O Comando do II Exército lamenta informar o seguinte:

1) Em prosseguimento de diligências que se desenvolvem na área do II Exército, que revelam a estrutura e as atividades do Comitê Estadual do Partido Comunista, apareceu, citado por seus companheiros, o nome do sr. Wladimir Herzog, diretor-responsável do telejornalismo da TV-Cultura "Canal 2", como militante e integrante de uma célula de base do citado partido.

2) Convidado a prestar esclarecimentos, apresentou-se, acompanhado por um colega de profissão, às 9 horas do dia 25, do mês corrente, sendo tomadas por termo suas declarações.

3) Relutando, inicialmente, sobre suas ligações e atividades criminosas, foi acareado com os seus delatores, Rodolfo Oswaldo Konder e Jorge Benigno Jatay Duque Estrada, que o aconselharam a dizer toda a verdade, pois assim já haviam procedido.

4) Nessas circunstâncias, admitiu o sr. Wladimir Herzog sua atividade dentro do PCB, sendo-lhe permitido redigir suas declarações de próprio punho.

5) Deixado após o almoço e por volta das 15 horas, em sala, desacompanhado, escreveu a seguinte declaração: "Eu, Wladimir Herzog, admito ser militante do PCB, desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luiz Weiss, Antonio de Brito, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Markun, enquanto trabalhava na revista *Visão*. Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal *Voz Operária* uma vez pelo correio e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas após acareações e diante das evidências, confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado mais em participar de qualquer militância político-partidária. Assinatura: "ilegível".

6) Cerca das 16 horas, ao ser procurado na sala onde fora deixado, desacompanhado, foi encontrado morto enforcado, tendo para tanto utilizado uma tira de pano. O papel, contendo suas declarações, foi achado rasgado, em pedaços, os quais, entretanto, puderam



"EU PENSEI: A QUE PONTO CHEGAMOS?"

ser recompostos para os devidos fins legais.

7) Foi solicitada à Secretaria da Segurança a necessária perícia técnica, positivamente os senhores peritos a ocorrência de suicídio.

8) As atitudes do sr. Wladimir Herzog, desde a sua chegada ao órgão do II Exército, não faziam supor o gesto extremo por ele tomado.

9) As prisões até hoje efetuadas se enquadram, rigorosamente, dentro dos preceitos legais, não visando a atingir classes, mas tão somente salvaguardar a ordem constituída e a Segurança Nacional". (Comunicado oficial do Comando do II Exército distribuído à imprensa, domingo; em Folha de S. Paulo, página 3, 27/10/75, segunda-feira).

Três horas depois da chegada da nota acima, sala a nota oficial do Sindicato dos Jornalistas, em seguida distribuída por nós e outros jornalistas nas redações:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo cumpre o doloroso dever de comunicar a prisão e a morte do jornalista Vladimir Herzog (Vlado) ocorrida ontem nas dependências do Departamento de Operações Internas (DOI), do II Exército, em São Paulo.

A seqüência dos acontecimentos que conduziram a esse trágico desfecho foi esta:

1) Sexta-feira, dia 24, às 21h30, agentes de Segurança foram à TV-Cultura, local de trabalho do jornalista, com ordens de levá-lo para o DOI. Houve interferência da direção da emissora e de colegas de trabalho do jornalista. Os agentes de segurança, após consulta a seus superiores, comunicaram ao jornalista Vladimir Herzog que ele deveria comparecer no dia seguinte, sábado, às 8 horas, àquele Departamento, a fim de prestar um depoimento. O jornalista comprometeu-se a ir, sem necessidade de escolta policial.

2) No sábado, à hora marcada, o jornalista chegou ao DOI num táxi, acompanhado de um colega de trabalho da TV-Cultura, que foi dispensado em seguida.

3) As primeiras horas da noite de sábado, as autoridades de Segurança informaram que o jornalista se suicidara na prisão e que uma nota oficial do II Exército seria distribuída. O fato foi comunicado à família através do presidente da TV-Cultura e o Instituto Médico Legal forneceu um atestado de óbito, informando como causa da morte "asfixia mecânica por enforcamento", como local, a rua Tomás Carvalhal, 1.030 (sede do DOI) e "hora ignorada".

Segundo informações chegadas à família, o corpo do jornalista Vladimir Herzog tinha sido entregue ao Instituto Médico Legal por volta das 17 horas.

Não obstante as informações oficiais fornecidas pelo II Exército, em nota distribuída à imprensa, o Sindicato dos Jornalistas deseja notar que, perante a lei, a

autoridade é sempre responsável pela integridade física das pessoas que coloca sob sua guarda.

O Sindicato dos Jornalistas, que ainda aguarda esclarecimentos necessários e completos, denuncia e reclama das autoridades um fim a esta situação em que jornalistas profissionais, no pleno, claro e público exercício de sua profissão, cidadãos com trabalho regular e residência conhecida, permanecem sujeitos ao arbítrio de órgãos de Segurança, que os levam de suas casas ou de seus locais de trabalho, sempre a pretexto de que irão apenas prestar depoimento, e os mantêm presos, incomunicáveis, sem assistência da família e jurídica, por vários dias e até por várias semanas em flagrante desrespeito à lei.

Trata-se de uma situação, pelas suas peculiaridades, capaz de conduzir a desfechos trágicos, como da morte do jornalista Vladimir Herzog, que se apresentara espontaneamente para um depoimento.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo comunica ainda que o sepultamento do jornalista Vladimir Herzog será realizado segunda-feira, às 10 horas e 30 minutos, saindo do velório do Hospital Albert Einstein, no Morumbi, para o Cemitério Israelita, no km 15 da Rodovia Raposo Tavares. E conclama os jornalistas de todas as redações de jornais, revistas, rádio e televisão, sem exceção, a que compareçam para prestar a última homenagem ao companheiro desaparecido. A DIRETORIA. (Apenas 2 jornais de São Paulo não publicaram esta nota: o Diário Popular e a Folha da Tarde.

Na redação desse último jornal, do Grupo Frias, um homem chamado Torres foi visto por jornalistas, que ele chefia, foi visto se erguer sobre uma mesa para gritar que a morte de Herzog tinha sido justa e que esse seria o fim de todos os que pensavam como ele.

No ar desse final de domingo surgiram outros sinais: os telefones do jornal O Estado de S. Paulo e do Sindicato dos Jornalistas começaram a apresentar um estranho chiado. Quase ao mesmo tempo os jornalistas começaram a identificar carros particulares, chapa-fria, que rondavam as imediações do Sindicato e algumas redações.

O presidente da Fundação Padre Anchieta, Rui Nogueira, 24 horas atrás, vivia um fim de sábado tranquilo. Até que recebeu um telefonema do Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Coronel Erasmo Dias. Rui Nogueira havia sido escolhido pelas autoridades para comunicar a Clarice Herzog o falecimento do marido. Com roupas caseiras, como descreveriam mais tarde funcionários da TV-Cultura, ele chegou à sede da Fundação e convocou o encarregado da segurança da emissora, sr. Fleury, e o repórter Chico Falcão, para juntos irem à casa de Vladimir. Mais tarde, da comunicação oficial à

família, sobrou o comentário do encarregado Fleury, feito na sala de Vladimir, enquanto a viúva recebia a notícia:

- Também, com esses posters, como é que vai dizer que não era comunista?.

A morte de Vladimir começava a comover o País. Algumas horas antes de Clarice saber do destino de seu marido, o Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo, comunicava ao seu assessor mais direto, o Padre Viegas, que mais um jornalista tinha sido preso. Eram 14 horas do sábado. Dias depois, Padre Viegas contaria aquela tarde a Hilton Libos, do Ex:

- Todos os dias recebemos queixas de prisões na Cúria. Se naquele exato momento que o Cardeal estava me comunicando a prisão de Vlado, ele não estivesse, possivelmente, acabando de morrer, seria apenas mais uma prisão. Dom Evaristo estava proferindo uma palestra num Congresso de Não-Violência, quando foi procurado pelo jornalista Mino Carta (diretor da revista Veja), pedindo garantias para os jornalistas presos e intercessão do Cardeal junto ao governador Paulo Egydio. O governador estava em Jales (600 km da capital).

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo já tinha anotadas, naquela altura, mais de 80 prisões (61 de 30/9 a 21/10), mas diante da insistência do jornalista Mino Carta, a Cúria resolveu tentar contato com o Governador.

- Paulo Egydio sugeriu um contato com o Secretário da Segurança Pública - diz Padre Viegas. Telefonamos para a Segurança Pública, disseram que ele deveria estar em Santos.

O Cardeal Arns, às 20 horas e 20 minutos de sábado, soube da morte de Vladimir. E quando comunicou a Padre Viegas, ele ficou paralisado:

- Eu pensei: a que ponto chegamos? A que ponto chegamos, meu Deus? E continuei assim até que encontrei uma pessoa amiga e passei o fato. "Morreu o jornalista que estava preso", falei. Ela baixou a cabeça e chorou convulsivamente, segurando o rosto com a palma das mãos.

Meia hora depois, nessa noite de sábado, o assessor da Presidência da TV-Cultura, Fernando Faro, responsável pelo convite para que Vladimir Herzog assumisse a direção do Departamento de Telejornalismo, em setembro deste ano, recebia um telefonema em sua casa. Era Juca de Oliveira, presidente do Sindicato dos Atores do Estado de São Paulo:

- O, Baixo! Já soube do Vlado?

Não. Fernando Faro não sabia nem que Vlado tinha sido procurado pelos órgãos de Segurança na noite de sexta-feira, na TV, nem que Vlado tinha se apresentado no sábado pela manhã, acompanhado por um funcionário da TV, nas dependências do DOI, para prestar depoimento. E muito menos que Vlado estava morto.

Depois do telefonema de Juca de Oliveira, Faro tentou contato com alguns

amigos, até que Rui Nogueira, presidente da Fundação, o convocou para ir ao Instituto Médico Legal. Ali, Faro encontrou alguns jornalistas, entre eles Mino Carta. Rui Nogueira, que estava acompanhado do repórter Chico Falcão e do encarregado Fleury, tentou ver o corpo de Vladimir. Foram impedidos.

Do IML, Rui Nogueira e Fleury foram para a casa de Clarice Herzog - que na noite de sábado e madrugada de domingo recebeu a visita de dezenas de pessoas.

No domingo, depois da autópsia, uma segunda tentativa para ver o corpo: do irmão da viúva. Não conseguiu. Ele tentou obter nova autópsia, realizada por outro médico do IML. Não conseguiu e a alegação era de que a parte burocrática do Instituto estava fechada.

Clarice chegou ao IML a tempo de acompanhar o corpo de seu marido ao Hospital Albert Einstein.

Pouco antes das 16 horas, no bairro do Morumbi, agentes dos órgãos de Segurança vistoriavam o Velório do Hospital Albert Einstein, para onde o corpo de Vladimir foi levado às 16.30 horas. O corpo foi recebido no Velório por jornalistas e amigos de Vlado.

"Ali perceberam a presença de policiais à paisana, que mantinham uma vigilância discreta". (O Estado de S. Paulo, 28/10, terça-feira.)

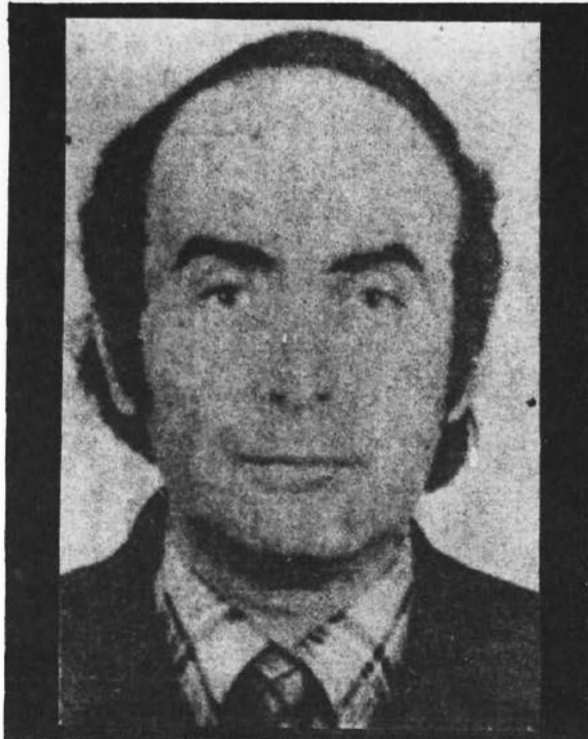
A ação desses agentes foi que frustrou a segunda tentativa de Clarice de fazer novo exame no corpo de Vlado.

"Clarice chegou a pensar em levar o corpo para sua casa, para possibilitar o exame, mas isso acabou não se concretizando: dizia-se que um médico tinha concordado em fazer a autópsia, mas já havia a oficial, que acabou sendo considerada definitiva." (Jornal da Tarde, 27/10, segunda-feira.)

Clarice manteve-se firme e corajosa, apesar das pressões durante o velório. Passou, porém, por várias crises de choro, inclusive quando se iniciaram as cerimônias do ritual judaico:

"As cerimônias do enterro de Vladimir Herzog realizaram-se por completo e de acordo com os ritos seguidos pelas correntes liberais da religião judaica, à qual os familiares de Herzog são filiados. Foram cerimônias normais, pois o Chevrah Kadish - Sociedade Sagrada - não encontrou indícios que comprovassem o suicídio do jornalista, o que implicaria a alteração dos procedimentos, inclusive o sepultamento em local diferente.

(...) Henry I. Sobel (rabino da Congregação Israelita Paulista) assegura que todas as etapas do cerimonial judaico foram cumpridas, inclusive a Tahara, que é a purificação do corpo, com sua lavagem. O corpo chegou ao velório do Hospital Albert Einstein às 16 e 30 de domingo, e a Tahara começou às 17 horas, realizada por três componentes da Chevrah Kadisha e um amigo da família presente. (O Estado de S. Paulo, 31/10, sexta-feira.)



"VAMOS DISCUTIR SE EU MORRO AMANHÃ!"

Clarice e os familiares se retiraram do velório, impotentes, na noite de domingo. Enquanto isso, ali perto, no Palácio dos Bandeirantes, a morte de Vlado provocava o encontro do Governador Paulo Egydio, do Cardeal Arns e jornalistas. Como em todas as redações e em todos os meios políticos do País, eles também estavam perplexos. Naquela altura da noite, o Ministro Golbery do Couto e Silva, Chefe da Casa Civil do Presidente Geisel, já tinha sido localizado e tinha ouvido um relato do caso, por telefone. Ele, que passara o dia num sítio fora de Brasília, também se surpreendeu.

O domingo terminou com uma preocupação no ar: a de que os órgãos de Segurança fizessem pressão sobre a família de Vladimir para que o enterro fosse feito ao amanhecer. Os jornalistas, preocupados, organizaram um revezamento no velório, noite a dentro, para guardar o corpo de Vlado. No noticiário da manhã de segunda-feira, quase todas as emissoras de rádio de São Paulo divulgavam as notas oficiais do II Exército e do Sindicato dos Jornalistas; e faziam um convite a todos para o enterro que se realizaria às 10.30 horas, no Cemitério Israelita do Butantã, no km 15 da Via Raposo Tavares.

Mal o dia tinha amanhecido e Clarice já havia voltado ao velório. Com a chegada do sol, mostrando um dia claro e firme, a partir das 9 horas começaram a aparecer as 600 pessoas que acompanhariam o corpo de Vlado.

9.15 horas. Do elevador que chega ao pátio semilótado do Hospital Albert Einstein, saltam o senador Franco Montoro, MDB-SP, e os jornalistas Hélio Damante, de O Estado de S. Paulo, Narciso Kalili, Ex-editor. Eles já encontraram ali o deputado federal Airton Soares, MDB-SP, e o líder do partido da oposição na Assembléia Estadual, Alberto Goldman: Chegaram depois o senador Orestes Quêrcia e os deputados estaduais Robson Marinho, Del Bosco Amaral e Horácio Ortiz, todos do MDB.

"O jornalista Vladimir Herzog foi sepultado ontem de manhã no Cemitério Israelita do Butantã, durante uma cerimônia simples e rápida, assistida por uns 600 repórteres, redatores, editores, cinegrafistas, radialistas, artistas, estudantes, deputados e senadores. Não houve nenhum incidente durante o enterro, com exceção da indignação de familiares pela pressa com que foi feito: a mãe de Vlado, como ele era chamado, chegou à quadra número 28 do cemitério quando seu filho já havia sido enterrado no túmulo 64. A cerimônia de sepultamento durou apenas 15 minutos, e não as duas horas que costuma durar, quando observados todos os rituais e preceitos judaicos. O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns compareceu ao Hospital Albert Einstein, onde o corpo de Vladimir estava sendo velado desde a tarde de domingo, quando foi liberado pelo Departamento de Operações Internas

do II Exército, em cujas dependências ele morreu sábado passado.

O cardeal esíranhou a ausência de rabinos no velório: foi recebido por colaboradores da Chevrah Kadisha ou "Santa Sociedade", organização que se encarrega de cumprir o ritual fúnebre previsto pela religião judaica. Entrou no velório em companhia do senador Franco Montoro e cumprimentou os familiares do jornalista, que delicadamente - "para evitar emoções dolorosas" - lhe pediram pra não fazer qualquer pronunciamento público. O cardeal orou em silêncio durante alguns minutos, confortou os amigos de Vladimir e saiu, sempre em companhia do senador e vários deputados federais e estaduais que o acompanhava. O clima, enquanto isso, era de extrema expectativa, mais por causa dos agentes armados que passaram a madrugada no hospital, que logo cedo foram substituídos por fotógrafos e cinegrafistas que não pertenciam ao sindicato ou a qualquer órgão de imprensa: houve casos de desmaios e as crises de choro eram frequentes. As 10,30 horas, quando mais de 600 pessoas se avolumavam no hospital, o caixão negro contendo a urna lacrada em que o corpo de Vladimir foi encerrado pelas autoridades, foi transportado ao carro funerário." (Jornal da Tarde, 28/10, terça-feira).

Os fotógrafos e cinegrafistas desconhecidos não perdem nenhum detalhe no Cemitério Israelita de Vila Borges, um subúrbio do Butantã, que acordou logo cedo na segunda-feira com o barulho de sirenes, de C-14 inspecionando a área, deixando agentes em pontos estratégicos. O clima do enterro foi por demais denso. Desde o velório, porém, o clímax do nervosismo que percorreu todos os presentes foi a chegada sucessiva de 4 dos jornalistas que estavam presos desde antes de Vladimir - dois deles citados na nota oficial do II Exército como acareados com Vlado, horas antes de sua morte. A notícia da chegada do primeiro deles, Paulo Sérgio Markun, ainda no hospital, despertou em todos os presentes a curiosidade sobre o que teria acontecido nas 8 horas que Vladimir Herzog passou dentro das dependências do DOI.

Durante o enterro, George Duque Estrada e Anthony Christo ficaram numa elevação, ao sol, encostados num túmulo. Rodolfo Konder e Paulo Sérgio Markun estavam separados. A preocupação em vê-los, examiná-los, ou ouvir algum pedaço de conversa, era geral. Mas os 4 apenas choravam e a única informação que deram foi: tornariam a se apresentar no DOI às 8 horas da manhã seguinte. A liberação deles tinha sido excepcional, apenas para acompanhar o enterro do amigo, assim como dias antes o próprio Paulo Sérgio havia sido liberado para assistir ao batizado da filha.

O mais abatido era Christo. Amigos comentavam que ele estava uns dois quilos mais magro. De uma forma geral,

todos os presentes respeitaram a dor dos 4 jornalistas envolvidos na tragédia.

Havia também o medo de que alguém pudesse se exaltar à beira do túmulo. Mas não houve provocações. O presidente Audálio Dantas foi o último a falar, citando Castro Alves: "Senhor Deus dos desgraçados / Dizei-me vós, Senhor Deus / Se é delírio ou se é verdade / tanto horror perante os céus". A multidão ainda ficou parada alguns minutos, em silêncio. Depois, desfez-se devagar, até que um comunicado passou de boca em boca: às 6 da tarde, todos no Sindicato.

"O Caso Herzog

Há muitos anos - para sermos precisos: há 21 anos - um suicídio, guardadas as proporções, não provocava reação de tanta uniformidade traumatizada no Congresso Nacional, quanto o do jornalista Vladimir Herzog.

Esperavam-se sessões tumultuadas, no Senado e na Câmara dos Deputados.

Mas o que se viu, nas duas Casas do Legislativo, foi um plenário perplexo, atento e respeitoso, como em velórios.

Desde cedo, os líderes arenistas não ignoravam que o MDB levantaria o caso Herzog. Por isso, trataram de colher informações complementares, para fazer face à situação agitada que se prenunciava. O debate veio e o grande público, que, por coincidência inexplicável, lotava as galerias, primeiro da Câmara, depois do Senado, mal o percebeu, pois os líderes dos dois partidos abordaram a delicada questão quase sem alterar a voz, uns e outros igualmente emocionados.

De seu gabinete o líder José Bonifácio, da maioria, preferiu acompanhar pelos alto-falantes o registro da morte de Herzog, feito pelos vice-líderes emedebistas Fernando Lira e Freitas Nobre, bem como os esclarecimentos prestados a seguir, em nome do governo, pelo deputado João Linhares. Por isso, quando o telefone da liderança soou, e o próprio Bonifácio o retirou do gancho, o Ministro da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva ouviu, em primeira mão, a notícia de que apesar dos pesares - e nunca uma expressão se ajustou melhor à realidade - a sessão estava correndo tranquila". (Folha de S. Paulo, 28/10, terça-feira).

O Centro Nervoso do caso Herzog, na tarde de segunda-feira, porém, era a sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo. Ali, diretoria e associados iam deliberar sobre os próximos passos quanto à morte de Vladimir e cuidar da segurança dos jornalistas citados no bilhete atribuído a Vlado e reproduzido pelo comunicado do II Exército: Marco Antonio da Rocha, editorialista do Jornal da Tarde, e Luiz Weiss, redator de Veja e dirigente do Sindicato. Os outros citados e envolvidos no caso, George Duque Estrada, Rodolfo Konder, Anthony Christo, Paulo Sérgio Markun, também preocu-

pavam o Sindicato, pois voltariam a se apresentar no DOI na manhã seguinte.

Uma hora antes da reunião do Sindicato, o presidente Audálio Dantas e toda a diretoria são convocados ao Quartel General do II Exército, pelo Chefe de seu Estado-Maior, General Antônio Ferreira Marques. O Comandante do II Exército, General Ednardo D'Ávila Mello, tinha viajado para Brasília, onde participaria, no dia seguinte, da reunião do Alto Comando. Mas, preocupado com a situação em São Paulo, mantinha uma linha direta de comunicação aberta com o seu Chefe de Estado-Maior.

A reunião entre os jornalistas e os militares foi longa e por isso atrasou a outra, da classe. Quando a diretoria voltou, os 300 jornalistas presentes à sede viram nos seus rostos o clima do encontro. Os Generais Ferreira Marques e Ariel Pacca (Comandante da 2ª Região Militar) e o Coronel Paes, chefe do Serviço Secreto do Exército (2ª Seção) criticaram o discurso de Audálio Dantas durante o sepultamento de Vladimir, e a primeira nota do Sindicato, cujo tom, segundo as autoridades, levantava suspeição sobre a versão de suicídio. Os militares mostraram também muita preocupação sobre a reunião que se realizaria no Sindicato logo a seguir.

A diretoria do Sindicato também estava muito preocupada. Preocupada com o que ouvira no QG, com o clima de tensão entre os jornalistas e com a presença de dezenas de estudantes que vinham hipotecar solidariedade pela morte de Vlado. E então, fez o que pode.

Ouviu durante horas dezenas de propostas e sugestões desencontradas que refletiam, porém, a grande disposição de luta dos jornalistas. Antes de se retirar para redigir seu segundo comunicado após a morte de Vlado, ouviu pelo menos dois depoimentos marcantes:

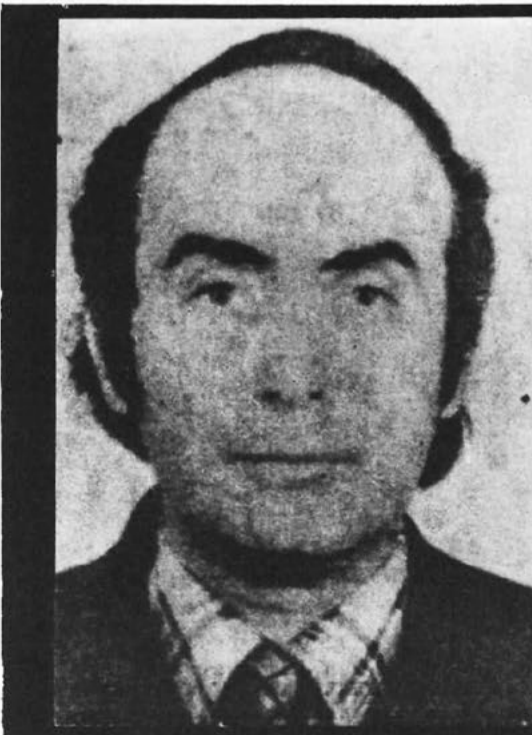
- O que decidirmos aqui, será a matéria-prima política que o país vai discutir.

- Estamos discutindo aqui qual a garantia que eu tenho de continuar trabalhando. Se eu morro amanhã ou não.

A nota do Sindicato deu a tônica do comportamento político do país durante toda a semana. Ninguém mais, nenhuma das forças envolvidas nos acontecimentos correria o risco de avançar um passo sequer:

"A diretoria do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo informa que esteve ontem em contato com os Generais Ferreira Marques, Comandante do Estado-Maior do II Exército, e Ariel Pacca da Fonseca, Comandante da 2ª Região Militar, e com o Coronel Paes, Chefe da 2ª Seção do II Exército, para solicitar maiores informações sobre as condições em que morreu o jornalista Vladimir Herzog e a situação dos jornalistas que continuam presos no Departamento de Operações Internas (DOI).

Quanto à morte de Vladimir Herzog, as autoridades forneceram cópias do laudo pericial de "causa mortis", assina-



PERÍCIA: ENCONTRO DE CADÁVER

Secretária da Segurança Pública
Instituto de Polícia Técnica
1975 -
nº 13.967

Acompanha peças de exame
Natureza da Perícia: Encontro de cadáver (Suicídio)
Dia: 25-10-75, local: Cella da DOI/CODI
Vítima: Vladimir Herzog
Req. Capitão Ubirajara do DOI/CODI
Relator: Perito Criminal Motoho Chiota.
Dependencia: Divisão de Criminalística.

As 18,10 horas do dia vinte e cinco de outubro do ano em curso, o Capitão Ubirajara, comunicando a ocorrência de encontro de cadáver no DOI/CODI, à rua Thomaz Carvalhal, nº 1030, solicitou o concurso de perito a fim de proceder ao levantamento de praxe. Para a realização do aludido exame, foi designado pelo Diretor desta Divisão, Bel. João Milanez da Cunha Lima, o Perito Criminal Motoho Chiota que, após terminar o seu trabalho e contereçar com o seu colega, segundo, signatário, apresenta este RELATÓRIO.

DO LOCAL

Corresponde a um prédio de dois pavimentos, construído nos fundos do imóvel nº 1030 da rua Thomaz Carvalhal, dotado de várias seções e ocupado pela organização DOI/CODI.

Ofereceu particular interesse, no presente caso, a cela especial nº 1 localizada no 2º pavimento desse prédio que é vedada por uma porta metálica de folha única e guarnecida por dispositivo de segurança própria para essa finalidade.

O seu interior, assoalhado, possui uma janela de caixilho de metal envidraçado ("vitraux") e é dotada de grade, também, de metal.

Próximo dessa janela, dispostos no assoalho, achava-se dois colchões sobrepostos e junto à porta havia uma cadeira escolar, sobre a qual encontrava-se uma prancheta com papéis e uma caneta esférogáfica. Esparsos no piso e em correspondência com a mencionada cadeira notavam-se vários fragmentos de papel rasgado e manuscritos à esférogáfica.

DO CADÁVER

Junto à janela dessa cela, em suspensão incompleta e sustido pelo pescoço, através de uma cinta de tecido verde, foi encontrado o cadáver de um homem, de cutis branca, apontado como sendo o de Vladimir Herzog, de 38 anos de idade, que se achava com a sua língua ligeiramente procidente.

Seu traje, normalmente disposto, compunha-se de macacão verde de tecido igual ao da referida cinta e de

"VLADO ERA O BODE EXPIATORIO!"

do pelos médicos Arildo Viana e Harry Shibata; exame grafológico, assinado pelo perito Antônio Armindo Camilo e perícia de encontro de cadáver, assinada pelo perito Motoho Chiota.

Quanto à situação dos demais jornalistas presos no DOI, o General Ferreira Marques informou o seguinte:

1 - Rodolfo Konder, Jorge Duque Estrada, Paulo Sérgio Markun e Anthony de Christo, que hoje foram autorizados a comparecer ao sepultamento de seu colega, jornalista Vladimir Herzog, dormiram em suas casas, com o compromisso de se apresentarem novamente hoje ao DOI, às 8 horas. Os quatro jornalistas voltarão àquele Departamento para concluir seus depoimentos e, segundo informa o General Ferreira Marques, há possibilidade de serem liberados amanhã mesmo. Cumprida essa etapa, eles aguardarão em liberdade intimação do DOPS para a formalização de seus depoimentos em cartório.

2 - O jornalista Luis Paulo Costa, correspondente do "O Estado de S. Paulo" em S. José dos Campos, que sofre de osteomielite e se encontrava doente, foi libertado por volta das 18 e 30 de hoje.

3 - A jornalista Marinilda Marchi, presa em Brasília e trazida para São Paulo, está ainda em fase de depoimento.

4 - Quanto a Sérgio Gomes da Silva, José Vidal Pola Galé, Ricardo de Moraes Monteiro e Frederico Pessoa da Silva, o General Ferreira Marques disse que no momento não dispunha de informações, mas prometeu solicitá-las e transmiti-las ao Sindicato.

O Coronel Paes, chefe da 2ª Seção do II Exército, informou também à diretoria do Sindicato que, a partir do próximo sábado, as visitas a jornalistas e demais pessoas presas no DOI, poderão ser feitas às terças, quintas e sábados, em grupos de seis por dia.

Até agora as visitas eram limitadas a uma por dia da semana.

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas comunicou também aos Generais Ferreira Marques e Ariel Pacca da Fonseca a grande intranquilidade e insegurança que provocaram, em todas as redações de São Paulo, as condições em que são efetuadas as prisões e, principalmente, a morte, na prisão, do jornalista Vladimir Herzog.

O Sindicato comunica também a seus associados e em especial às famílias dos jornalistas detidos que está contratando novos advogados para lhes prestar toda a assistência jurídica necessária.

Todas essas informações foram transmitidas aos jornalistas que se encontravam à noite, na sede do Sindicato, aguardando o resultado das gestões da diretoria do QG do II Exército." (O Globo, 28/10, terça-feira)

Ao marcar a realização do culto ecumênico na sexta-feira, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo também marcou a hora e o palco da cena máxima da crise

política armada antes, durante e após a morte do jornalista Vladimir Herzog: sexta-feira, 16 horas, Catedral da Sé.

AGUARDEM: a apresentação ao DOI de mais 2 jornalistas; a liberação de outros 2 jornalistas; a greve na Universidade de São Paulo; a visita do Presidente Geisel a São Paulo; a solidariedade do País aos jornalistas paulistas, e o avanço da liberdade de expressão para os jornais diários.

Antes, porém, o depoimento de uma mulher corajosa, a viúva do jornalista morto; Clarice Herzog. Depoimento ao Ex-editor Narciso Kalili, no dia 3/11:

"Acho que a barra começou a ficar pesada desde a hora que ele entrou para o Canal 2 e com as denúncias do Cláudio Marques. Foi um negócio que estava amolando bastante, irritando, aquela pressão toda. E a gente de início não estava dando muita importância à coisa. Sabíamos perfeitamente que ele devia estar envolvido com grupos, mas a gente estava tranquilo. A chegada de Vlado ao Canal 2 foi um negócio muito legal, o Vlado o que quer fazer é televisão... eu estou falando tudo no presente ainda, sabe? Eu ainda não assumi a morte do Vlado. Eu realmente não assumi a morte de Vlado, como se a qualquer momento ele entrasse aqui dentro. Eu não enfrentei a morte ainda. E o que realmente o Vlado queria fazer era televisão. Televisão, cinema, ele começou com cinema. Mas não havia condições em televisão... acho que a consciência de televisão nasceu em Londres, quando nós fomos lá. Ele se entusiasmou com o alto nível da televisão inglesa, com a possibilidade de um trabalho sério com televisão. Possibilidade de você realmente comunicar, na medida em que cinema ainda é para minoria. Fazer um trabalho decente; o que é uma TV educativa? Uma televisão boa, uma boa televisão, uma televisão que informa.

Ele sempre foi muito crítico com a programação que tinha, os programas todos. E quando apareceu o negócio do Canal 2 - ele começou antes no Canal 2, na época do Fernando (Fernando Pacheco Jordão, ex-diretor de telejornalismo da TV-Cultura, Canal 2 - NR), depois saiu, e agora nessa possibilidade, quer dizer, foi um dos momentos de maior felicidade dele. E ele estava preparando um filme sobre Canudos.

Nesse mês que demorou a contratação, ele foi investigado, a informação que eu tenho, a informação que ele tinha, era de que ele tava sendo investigado, tinham tirado ficha do Vlado em tudo quando é lugar, Deops, SNI, tudo. Essa investigação foi pedida por uma ala do Governo Paulo Egydio, etc.

Quando ele começou a trabalhar, começaram os problemas, no dia que ele começou a trabalhar, quarta-feira, saiu aquele programa, aquele negócio sobre o Ho Chi-mihn, e o Cláudio Marques em cima, inclusive o programa foi feito pelo remanescente da equipe anterior

(dirigida por Walter Sampaio - NR). Ai começou um desgaste, tava difícil, falta de equipe, o Vlado trabalhava das 8 da manhã às 10 da noite. Botava inclusive o programa no ar, realmente a barra tava pesada. Mas havia sempre uma possibilidade, possibilidade de contratação, de fazer coisas.

Na sexta-feira em que o Markun foi preso (18/10, NR), ele era chefe de reportagem de lá, nós ficamos sabendo no sábado pela manhã. Ficamos muito chateados, não sabíamos exatamente o quê, as informações que a gente teve foi através dos jornais. Mas, na segunda-feira, o pai do Markun veio aqui de manhã em casa. Contou que o Markun saiu pro batizado da filha e que... uma conversa estranha, mas tinha falado o nome do Vlado, o Vlado seria preso. Mas preso por quê? E o pai dele, "não sei". O Vlado então pegou o pai do Markun e levou à Secretaria de Cultura para que ele repetisse o que falou a ele, com o Mindlin. (José Mindlin, secretário de Cultura de São Paulo - NR) Não chegou a ser recebido. Quer dizer, uma semana antes, o Vlado já sabia que ia ser preso.

Continuamos a viver normalmente. Aliás, como diz o coronel Erasmo (Secretário de Segurança Pública de São Paulo - NR), quem não deve não teme e fiquei tranquila. Me arrependo muito desta postura, mas ainda continuo com ela. É um negócio incrível! Sabe aquela sensação de segurança, de que nada pode acontecer com você, de que nada pode mexer com você, você é inviolável? Eu não sei. Em nenhum momento eu realmente senti medo, como não sinto medo ainda. Sinto muita raiva, mas medo eu não sinto. Bom, continuamos vivendo normalmente.

Na sexta-feira (o Vlado se apresentou no sábado), eles estiveram aqui às oito e meia. Eu falei que o Vlado estava na TV, eles entraram aqui, quer dizer, entrou só um. Nós íamos passar o fim de semana fora, num sítio que temos em Bragança. Eu ia apanhar o Vlado na TV e íamos embora. Quando chegaram aqui, eu percebi pela cara, pelo jeito, pela conversa... Eles queriam que o Vlado fizesse uma reportagem. Eu argumentei que o Vlado não trabalhava como free-lancer, não tinha condições. Ele insistiu e eu disse que se ele quisesse falar com ele poderia entrar pra telefonar pra televisão. Ele não quis e saiu. Ai eu liguei pro Vlado avisando o que estava acontecendo. Apanhei as crianças e fui pra TV. O Vlado, o Chico Falcão, estavam conversando com dois agentes. Depois de muito argumentar, conseguimos que Vlado se apresentasse no dia seguinte. Fiquei tranquila. Eu sabia que ele ia apanhar, levar choque, mas voltaria pra casa.

Os homens se retiraram e chegaram o presidente (Rui Nogueira - NR) o Fleury (encarregado da Segurança da TV-2 - NR) e o Paulo Nunes (jornalista credenciado junto ao II Exército - NR). O presidente pediu ao Paulo Nunes que acom-

panhasse o Vlado até o DOI, no dia seguinte. Ele respondeu que não precisava, que não tinha problemas, que era só o Vlado ir lá e se apresentar. O presidente insistiu, alegando que ele era setorista da TV-Cultura, subordinado de Vlado, e deveria leva-lo até o DOI. Paulo Nunes concordou e como a mulher não estava em São Paulo, resolveu ir dormir lá em casa. Arrumei uma cama pra ele e fomos deitar por volta de uma, uma e meia da manhã.

No dia seguinte, o Vlado levantou tão tranquilo, tão tranquilo, que tomou banho, fez a barba. Eu o beijei como se ele fosse sair para trabalhar.

Sobre o que estava acontecendo, nós não discutimos só naquela noite. Estávamos falando a semana inteira. Estávamos prevendo que era uma briga de áreas políticas e que o Vlado estava sendo usado como bode expiatório. Era só ver as notícias do Cláudio Marques.

Bom, no sábado o Paulo Nunes me ligou aqui umas três horas, mais ou menos, dizendo que não queria ser muito otimista, mas que "não há nada lá", que "acho que o Vlado vai sair hoje mesmo", não sei o quê, "o negócio é simples, não fique preocupada, há uma possibilidade remota de que ele saia hoje mesmo". É claro que eu não estava acreditando nisso: nenhum deles que entrou tinha saído. E o Paulo Nunes terminou: "vou te deixar sossegada neste fim-de-semana, só volto a te ligar na segunda-feira".

Por mais tranquila que eu estava - meu marido estava preso, na certa sendo torturado, então eu estava com uma certa ansiedade. Inclusive tive de avisar a mãe do Vlado que ele tinha sido preso pra ela não ficar sabendo pelos jornais no outro dia, isso às seis e meia da tarde, quando Vlado já estava morto. Eu avisei, ela ficou desesperada: "agora, com essa campanha anti-sionista, vão matar meu filho". Aquela conversa toda. Ai eu disse pra ela não se preocupar, que os tempos eram outros, só iam tomar o depoimento dele e ele ia voltar pra casa. Acabei tranquilizando-a e voltei pra casa.

Comecei a ficar nervosa, havia um cansaço físico, eu me troquei, tomei banho, nove e meia estava na cama. Ai começaram uns telefonemas estranhos pra casa, procurando o Paulo Nunes, que o Paulo Nunes estaria aqui em casa. Tentava identificar as pessoas, mas nada. Dizia que o Paulo Nunes não estava, não tinha ficado de vir, de voltar, pelo menos não me falou nada. Três, quatro telefonemas, inclusive o Chico Falcão me ligou procurando o Paulo Nunes aqui. Comecei a achar estranho e mais estranho ainda quando o Rui Nogueira ligou pra cá e me disse: "vou tomar a ousadia de lhe visitar em casa". Eu disse é claro, pode vir a hora que quiser.

Passei uma hora na espera do Rui Nogueira. Estava ficando desesperada. Saía fora, entrava, não sei. De repente me deu um negócio que eu comecei a

cuecas brancas. Seus pés calçavam meias e sapatos de couro, ambos pretos.

A referida cinta, conforme mostra a foto nº 2, anexa, estava na grade metálica, com um nó simples, a uma altura de 1,63 metros. A outra extremidade dessa peça formava a laçada de nó corrediço que restringia fortemente o pescoço, no esse situado na parte posterior do lado esquerdo do mesmo (vide pormenores na foto nº 3, anexa).

Removida a laçada, denotou-se, no pescoço, um sulco enegrecido, descontínuo, oblíquo e relativamente profundo, cuja largura possuía correspondência com a mencionada laçada (vide pormenores na foto nº 4, anexa).

Do que ficou exposto, depreende-se que o fato possuía um quadro típico de suicídio por enforcamento.

DO MANUSCRITO

Recolhidos os mencionados fragmentos de papel e recompondo-os através de colagem num suporte, também, de papel, conforme evidência a foto nº 6, anexa, verificou-se os seguintes dizeres.

"Eu, Vladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em fins de 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luiz Weiss, Anthony de Christo, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Morbun (ou Markun) enquanto trabalhava na revisão "Visão".

Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal "Voz Operária" uma vez pelo correio na revista "Visão" e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas após acareações e diante das evidências confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado em participar de qualquer militância político-partidária. a) ilegível.

O original deste documento acompanha o presente trabalho.

Nada mais foi dado a observar no local e no cadáver que pudesse despertar interesse de natureza técnica. Era o que tinha a relatar.

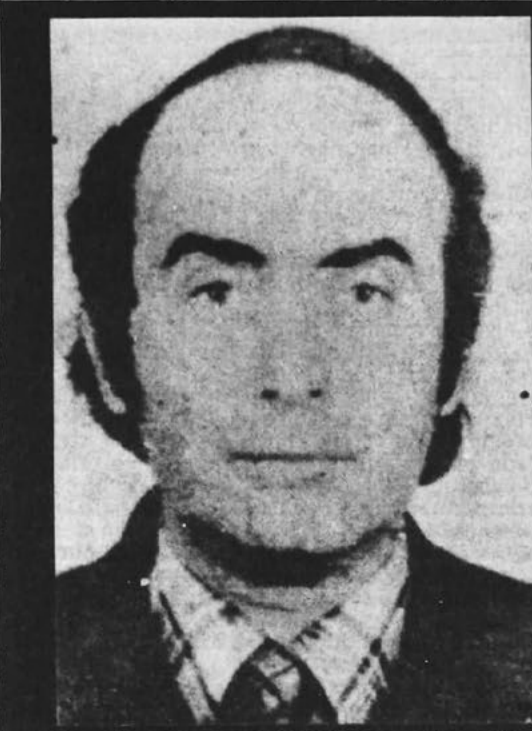
Este relatório, datilografado no anverso de quatro (4) folhas deste papel, vai devidamente rubricado e assinado. Ilustram-no seis (6) fotografias, legendadas e igualmente rubricadas. S Paulo, 25 de outubro de 1975

a) Motoho Chiota

EXAME DE CORPO DE DELITO

Secretaria da Segurança Pública
Instituto Médico-Legal do Estado de São Paulo
Del. de Ordem Política e Social - DOPS.

Registrado em 27 de 10 de 1975 sob nº 54.620. a) Maria



"SOMOS O GOVERNO DO ESTADO!"

achar aquilo... Liguei pra uma amiga, disse que viesse pra cá, que eu achava que tinha acontecido alguma coisa pro Vlado. Nesse exato momento, entra aqui em casa o Rui Nogueira, o Paulo Fleury, o Armando Figueiredo (assessor de imprensa da Secretaria de Cultura de São Paulo - NR) e uma pessoa que eu não sei quem é. Na hora que esses quatro caras entraram aqui em casa eu pressenti o que havia acontecido. Eles me comunicaram que Vlado estava morto e inclusive me deram a versão de que ele tinha se suicidado.

Eu, em nenhum momento acreditei nisso. Eu tinha certeza que ele tinha morrido torturado. E aí começou. Eu queria, queria ver o corpo, mas eu mesma não tinha muitas condições. Estava preocupada com a mãe de Vlado. Não fui ao IML, mas pouco antes do corpo ser liberado, fui buscá-lo e levei-o ao hospital. Ali começou a discussão do que eu poderia fazer. Eu queria uma nova autópsia. Quería que ele fosse examinado novamente. Os advogados, porém, me deram dois caminhos: pedir ao IML novo exame - isso ia demorar três dias e acabar concluindo que as evidências muito fortes de suicídio desaconselhavam uma nova autópsia - ou então deixar que enterrassem o Vlado e depois pedir uma investigação sobre sua morte. Resolvi deixar enterrar.

Eu vi o corpo. Só o rosto, quando abriram o caixão pra fazer aquelas cerimônias judiciais. Foi muito rápido mas deu pra ver que a fisionomia de Vlado estava tranquila, o que aumentou minha convicção. Ele não tinha se matado". (Trabalhei com o Vlado durante pouco tempo. Não posso dizer que éramos amigos. E Clarice vi duas ou três vezes, ligeiramente. Fui procurá-la muito emocionado e ouvi as palavras de uma mulher enraivecida e impotente. Mas com uma coragem e uma força que fariam Vlado orgulhar-se. Nada pode justificar o que aconteceu aos dois. Narciso Kalili)

- Pelo amor de Deus! Me poupe!
Paulo Nunes nervoso, mãos trêmulas, camisa de seda azul com bolas brancas, pede ao Ex-editor Hamilton Almeida Filho (dentro da redação do telejornal da TV-Cultura), que faça como todos os jornalistas e omita o seu nome da história da morte de Vladimir Herzog.

- Eu só participei no caso a pedido da direção da televisão. Não tinha nada a ver com a história, além de ser colega do Vlado. Podia ser chamado até de bravo por ter ido sozinho acompanhá-lo ao DOI, não sendo presidente de sindicato nem nada. Agora, você fala com o Chico Falcão, ele acompanhou tudo, pode lhe contar. Minha mulher está grávida, não quero que ela leia nos jornais. Tô velho, 54 anos, me poupe, tá?

Jornalista sempre ligado a assessorias de imprensa de órgãos oficiais, eis a lembrança que o Ex-editor Hamilton Almeida Filho tem de Paulo Nunes desde os mais remotos tempos de profissão, 1961:

"Paulo Nunes é há longo tempo credenciado junto aos órgãos de Segurança. Na TV-Cultura, trabalhava como setorista de II Exército, junto ao QG. O próprio Vladimir Herzog vinha, como diretor do telejornalismo, providenciando sua efetivação nos quadros da emissora, já que Paulo Nunes recebia em forma de cachê. Sua participação, nos acontecimentos que em menos de 20 horas tiraram a vida de Vlado, foi da maior importância, conforme nossa própria matéria demonstra. Com esse nível de participação, é inexplicável que não seja o primeiro a sentir a necessidade de total esclarecimento da morte de seu colega de profissão. A justificativa por ele apresentada e aceita pela maioria da classe que não noticiou o seu nome, perde sentido para mim, diante da dor da família de Vlado, da nossa falta de segurança para trabalhar e a possibilidade, para nós da imprensa, de ver a totalidade dos fatos para sempre descoberta". (Hamilton Almeida Filho).

A única notícia que a TV-Cultura levou ao ar sobre a morte de Vlado foi a leitura da nota oficial do II Exército, no jornal do meio-dia da segunda-feira, no mesmo momento em que se realizava o enterro. A decisão foi tomada diretamente pelo Governador Paulo Egydio e comunicada ao Presidente da Fundação, Rui Nogueira, e seu assessor Fernando Faro, em reunião na noite de domingo. Paulo Egydio cuidava pessoalmente do caso, uma vez que o Secretário da Cultura, José Mindlin, participava de um congresso nos EUA. O ambiente da reunião, que contou com a presença de outros assessores do governador, mostrava claramente que a chamada "Crise da TV Cultura", com a morte de Vlado tinha atingido o próprio Paulo Egydio. Tal como Clarice Herzog, várias pessoas no Palácio Bandeirantes se perguntavam: "Como foi possível isso, se o nome dele passou pelo SNI?"

No dia seguinte, ao transmitir as ordens do governador à abatida equipe do telejornal da TV Cultura, Fernando Faro deixava transparecer uma pista do perigo maior, caso aquele departamento desse cobertura sobre os acontecimentos.

- Nós "somos" o Governo do Estado. O secretário defende os jornalistas e a TV Cultura.

O secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia, José Mindlin, gostaria de ficar em silêncio, mas decidiu ontem defender a equipe de jornalismo da Fundação Padre Anchieta - TV Cultura - acusada de fazer propaganda comunista em seus noticiários.

O secretário ficou em silêncio enquanto as denúncias estavam restritas às colunas de um comentarista de um jornal de anúncios, "tratando apenas de vagas críticas". Agora as denúncias chegaram ao plenário da Assembleia e, embora José Mindlin considere que "enquanto não forem apontados os fatos concretos, não há motivos para

preocupação". resolveu que já é hora de esclarecer o assunto.

José Mindlin disse que a equipe de jornalismo da TV Cultura lhe parece séria e objetiva, não merecendo as suspeitas e críticas que têm sido levantadas. Sobre o chefe do departamento de jornalismo, ele garante:

- O jornalista Vladimir Herzog é um sujeito sério, que merece a confiança da Fundação Padre Anchieta.

O secretário não concorda com a observação feita pelo deputado Wadih Helu, que foi quem levantou o assunto na Assembleia (ontem ele falou de novo), de que a TV Cultura faz propaganda do comunismo, ao invés de promover o governo do Estado

(...) Os programas "comunizantes", segundo o deputado Wadih Helu, são as aulas de geografia nº 48 e 49, do curso supletivo (madureza), transmitidas nos dias 2 e 7. Tema: "Países Socialistas". E ainda uma aula de história sobre a Revolução Russa. Todas aprovadas pela censura federal". (Jornal da Tarde, 9/10, 16 dias da morte de Vlado)

Deixando de lado o deputado ex-presidente do Corintians, temos o prazer de apresentar o colunista de jornal de anúncios, citado nota acima.

"A infiltração (a essa altura não é infiltração, é domínio total, ou quase...) da esquerda contestatária no sistema e na democracia, em vários escalões, só não vê quem é conivente ou burro. O caso da TV-Viet Cultura extrapolou. E muito. Chegou a atingir a figura do próprio secretário José Mindlin, o que, de certa forma, é contra-senso. Mas não se pode negar que "a pesada" da esquerda militante tentou montar lá esquema após a saída de vários elementos que mantinham razoável (eu não diria ótimo) nível de rendimento administrativo e jornalístico. Houve até uma frase de um "camarada" esta semana: "Deixa a Coluna Um serena que a gente contrata o pessoal todo!" É parece que na lista já estão alguns nomes bem conhecidos... O que me parece cretino é comunista sendo subvencionado pelo dinheiro do Estado. Emprego existe no paraíso soviético. Ou então em Portugal, lá no "República", na "Rádio e TV Portuguesa", onde NÃO são admitidos profissionais que não sejam incritos e militantes do PC. Eu não exijo atestado ideológico de jornalista, nem quero fazer o jogo de fascistas. Mas é cretino se admitir o domínio total do PC nos jornais, revistas e TVs. Detalhe: outro dia, um enviado especial de Brasília, entre acreditar em informações que me diziam um "exagerado", preferiu ligar o Canal 2. Estavam exibindo a vida de Suvanna Phuma e os feitos do "Khmer Vermelho". O homem desligou com um sorriso significativo..." (Shopping News, seção Coluna Um, de Cláudio Marques, 28/9, alguns dias depois de Vlado ter assumido a direção do telejornal da TV Cultura).

Cláudio Marques, 36 anos, não é só um colunista do semanário dominical

Shopping News. E também o "Arauto da Província", segundo a TV Bandeirantes, que o emprega como comentarista político diário, sob o patrocínio da Construtora Adolpho Lindenberg, de propriedade do diretor-tesoureiro da Tradição, Família e Propriedade, a famosa TFP. No Boletim Semanal nº 77 da TV Bandeirantes, de julho último, pode-se ter uma idéia de como o próprio Cláudio Marques se vê:

- "Bem, quando o meu amigo Paulo Egydio quer revelar alguma coisa importante, mas delicada, ele não procura um informante meu. Ele me diz pessoalmente. E a confiança que eu infundo neles, são esses anos todos de trabalho regular e criterioso. No começo comi grama, pastei mesmo. Mas agora já posso desfrutar de uma situação tranquila".

- Mora numa bela casa no Morumbi, é diretor-superintendente do Consórcio Brasileiro de Imprensa, um grupo que reúne cerca de 90 jornais do Estado de São Paulo; possui um escritório de advocacia com o irmão. Viaja frequentemente para o exterior, possui um dos maiores acervos de arte de São Paulo e comprou há pouco uma Porsche, "realmente fantástica".

- "Tenho a consciência de que sou uma exceção no jornalismo brasileiro. Acho um crime o que acontece entre nós. O profissional é mal pago e não tem condições de se aprimorar e, afinal de contas, o jornalista é o formador da opinião pública. Eu me considero um formador da opinião pública. Sei que em várias cidades do interior sou líder de audiência no horário. Araras é uma delas. Mas sou uma exceção. Nasci rico. Casei com uma mulher rica. Pude cultivar as minhas amizades".

- "Tenho uma cara bonitinha, fotografia bem na televisão. Sei que isso leva uma boa parte do público feminino a assistir ao meu programa. Não tenho medo de dizer: sinto-me orgulhoso por isso."

- "Sou contra as atividades políticas nas universidades, hoje no Brasil. E também não acredito na participação dos estudantes na via partidária."

Cláudio Marques começou a trabalhar na TV Bandeirantes há 3 anos. Quando passou a fazer campanha contra a TV Cultura, chegou uma vez a usar seu programa de televisão para ampliar seu raio de difamação. Antes que a reação dos jornalistas da casa se manifestasse, a diretoria já o tinha obrigado a limitar sua campanha às colunas que mantém nos 3 jornais do grupo "Diário Comércio e Indústria". No domingo em que o corpo de Vladimir Herzog era devolvido a seus familiares, Cláudio Marques chegava à desfaçatez de classificar o local onde uma dezena de jornalistas encontravam-se presos, de "Tutóia Hilton" (uma referência à rua onde localiza-se o DOI). Na mesma nota, ele atingia com a delação a imprensa universitária; praticamente chamava a polícia para acabar

Horn. Laudo de Exame de Corpo de Delito Exame Necroscópico.

Aos vinte e cinco de outubro de mil novecentos e setenta e cinco, nesta cidade de São Paulo, a fim de atender à requisição do doutor os infra-assinados doutores: Arildo de T. Viena e Harry Shibeta, médicos legistas, foram designados pelo doutor Arnaldo Siqueira, diretor do Instituto Médico-Legal do Estado, para proceder a exame de corpo de delito em o cadáver de Vladimir Herzog e responder aos quesitos seguintes:

Primeiro - Houve morte?
Segundo - Qual a sua causa?
Terceiro - Qual o instrumento ou meio que a produziu?

Quarto - foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio ou cruel? (Responda especificada)

Realizada a perícia, passagem a oferecer o seguinte laudo: Examinamos hoje, no Necrotério do Instituto Médico-Legal, um cadáver que nos foi a portado como sendo o de Vladimir Herzog, masculino, branca, trinta e oito anos, casado, brasileiro naturalizado, jornalista, filho de Zigmundo Herzog e Zora Herzog, residia na Rua Oscar Freire, número dois mil duzentos e setenta e um - REFERÊNCIA: - Ecaminhado do DOPS (II Exército) com a história de que teria praticado suicídio, burlando a vigilância dos policiais. VESTES: - Calça marrom de malha com etiqueta "Old Engrand" camisa fantasia etiqueta "Jean Paton", cueca branca, blusão azul etiqueta "Correa", Pull-ver azul de lã. Sapatos e meias pretas. REALIDADE DA MORTE: - Evidenciada



pelos clássicos sinais tanatológicos de certeza. EXAME EXTERNO: - Cadáver de indivíduo adulto, do sexo masculino, cor branca, aparentando trinta e oito anos, estatura pequena, biotipo, normolíneo, olhos verdes escuros, dentes naturais; rosto triangular, fronte ampla, calvície corohária, cabelos cantanhos, ondedos, supercílios unidos no centro, nariz reto, barba por fazer e costeletas crescidas. Pescoço e tórax simétricos. Abdome, membros e genitais sem alterações. As pálpebras encontra-se semi-abertas, a língua protusa, com mucosa ressecada. Cianose da face e dos pavilhões auriculares. Pescoço: sulco semi-circular, interrompido ao nível da mastóide direita, localizado na porção alta do pescoço e inclinado para a direita, ao longo do mesmo a pele está apergamionhada; acima do sulco: cianose; abaixo: palidez. Hipótases no dorso e nádegas. Hipótases no escroto e penis em semi-ereção. Cianose das unhas - pés e mãos. EXAME INTERNO: - Praticada incisão bimestóide vertical e rebatido o couro cabeludo, encontramos o epicrânio liso, sem sinais de traumatismo. Aberta a caixa craneana, o encéfalo apresenta-se com discreto adema, sem demais alterações. Praticada incisão sub-manto-pública e aberta a cavidade tóraco-abdominal encontramos os pulmões armados e o coração em sistole. A Superfície pelural visceral apresentava as típicas manchas de Tardiau. Fígado e demais órgãos cevítários congestionados, sem outras alterações de interesse a esta perícia. A dissecação do pescoço revelou sufusões de tecido celular, sub-cutâneo ao longo do sulco descrito. O estudo das artérias carótidas, bilateralmente, não demonstrou

46° PRÊMIO VLADIMIR HERZOG

REPORTAGENS DESTACAM A VIOLÊNCIA POLICIAL EM PREMIAÇÃO

por Juliana Almeida

Na noite de 29 de outubro aconteceu a solenidade do 46º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos no Tuca, teatro da PUC-SP. A premiação foi organizada pelo Instituto Prêmio Vladimir Herzog, entidade criada no ano passado e presidida pelo jornalista e representante do Instituto Vladimir Herzog, Giuliano Galli. A comissão do prêmio foi composta por Thiago Tanji, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP); Mariana Valadares, representante da Associação Brasileira de Imprensa (ABI); Tatiana Farah, representante da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI); Luiza Buchaul, representante da Conectas Direitos Humanos; Rodrigo Ratier, representante da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Márcia Quintanilha, representante da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Alice Rodrigues, representante do Coletivo Periferia em Movimento; Priscila Beltrami, representante da Ordem dos Advogados do Brasil – São Paulo (OAB-SP); Cláudio Aparecido da Silva, representante da Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo; Edgar Rebouças, representante da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM); Antônio Funari Filho, representante da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo; Rogério Sotilli, representante do Instituto Vladimir Herzog; e Ivo Herzog, representando a família Herzog.

Neste ano, o Prêmio Herzog recebeu 601 inscrições, das quais 222 em texto; 144 em vídeo; 60 em áudio; 56 em multimídia; 51 em fotografia; 50 em arte; e 18 em livro-reportagem. Um grupo de 49 convidados integrou o júri responsável por selecionar os finalistas das sete categorias de premiação.



© PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Manifestante sendo agredido durante ato contra o aumento dos preços das passagens (São Paulo, 18/01/23). A imagem foi a vencedora da categoria “Fotografia”

Paulo Pinto é fotojornalista e recebeu o prêmio na categoria fotografia, com a imagem “Passe Livre faz manifestação em São Paulo contra aumento da tarifa”. Ele comentou que tudo pode acontecer em uma manifestação, inclusive nada. “O que aconteceu nessa manifestação, essa revista que originou a foto, foi uma prévia; a manifestação não tinha começado ainda e já tinha um tom violento. Se você analisar, nenhum dos policiais tinha rosto, apenas o oprimido”.

Premiado pela segunda vez, o ilustrador Cau Gomez começou sua carreira no jornal *Diário de Minas*, aos 15 anos. “Hoje aqui nessa roda eu represento todos os negros e negras, né? E ainda mais aqueles que desconhecem essa profissão de cartunista e chargista. Essa edição vem para contemplar tanto o artista quanto o profissional. Se a gente for sempre interpretar tudo a ferro e fogo, vai ser pior; é improvável querer entender notícias com esse tema trágico, como a cultura do estupro que existe desde os anos 70, que agora pune, enquanto a sociedade faz de conta que não está acontecendo nada. É uma desfaçatez gigantesca, pois existem abusos em excesso, números excessivos de crianças, podando a infância.”

Com 35 anos de televisão, o jornalista Marcelo Canellas foi convidado pela revista *Piauí* para uma reportagem sobre a violência policial na Bahia e, pela primeira vez, foi premiado na categoria texto. “Estou realizando um sonho de estudante ao ganhar o Herzog com uma reportagem impressa”, comentou Canellas. Ele reforça que a grande força do jornalismo está na singularidade das histórias: “Por mais que você tenha especialistas falando sobre o assunto, apenas a singularidade das histórias conta o que realmente precisamos saber.”

Outro ponto importante foi levantado durante a cerimônia. Os premiados na categoria vídeo com a reportagem “Inocentes na Prisão” defenderam a comunicação pública e a isonomia salarial do PCR em suas palavras. “Essa é uma conquista (o prêmio) dos meus irmãos de batalha do *Caminhos da Reportagem* da *TV Brasil*. Nossa TV pública recebeu essa conquista com muita honra e carinho por todos os jornalistas da EBC que lutam por isonomia no nosso plano de carreira”, completou a jornalista Ana Passos.

Violência Policial

Dentre as 14 produções premiadas, oito abordaram a violência policial que ocorre de forma brutal no Brasil. Rafael Soares, que recebeu a menção honrosa por seu livro-reportagem “Milicianos”, começou a carreira cobrindo a violência policial no Rio de Janeiro no jornal *Extra*. A obra

A MAIORIA DAS PRODUÇÕES PREMIADAS ABORDARAM TEMAS RELACIONADOS À VIOLÊNCIA POLICIAL, QUE OCORRE DE FORMA BRUTAL E SISTEMÁTICA NO BRASIL

retrata como os agentes do estado são formados para matar. Mesmo realizando um trabalho sobre agentes milicianos, Soares não tem um bom relacionamento com a PMERJ. “Apesar disso, a maior parte das minhas fontes são policiais”, completa Salles.

Canellas, que narrou casos de violência policial na Bahia, destacou como o autoritarismo e a violência estão, há muito tempo, presentes na rotina do brasileiro: “Conversando com as fontes, constatei que o bolsonarismo não é a causa, mas sim o sintoma. O bolsonarismo já foi malufismo, etc.”

O jornalista Leno Falk lançou luz sobre um problema crônico na polícia: o suicídio e o assédio que os policiais do RS sofrem dentro das brigadas militares. “O que eu trago na reportagem não é uma vitimização da instituição, muito pelo contrário. Eu trago histórias de policiais de nível médio, os praças, os soldados, que sofrem assédio dentro dessa corporação que mata esses policiais”, completa.

Homenagens

Neste ano, o golpe militar de 1964 completa 60 anos, e a comissão do prêmio homenageou três grandes personagens que se destacaram pela luta contra o regime e pela transformação da sociedade brasileira: Margarida Genevois, Ziraldo (*in memoriam*) e Luiz Eduardo Merlino (*in memoriam*). Eles foram escolhidos por representarem a sociedade civil em defesa da Justiça, da Paz, dos Direitos Humanos e da Democracia; a imprensa alternativa como uma das frentes de resistência à censura e à perseguição de jornalistas e artistas que lutavam por Verdade e Justiça; e os jornalistas e militantes perseguidos, presos, torturados, desaparecidos e assassinados durante a ditadura, cujos familiares ainda lutam pelo direito à Memória, Verdade e Justiça em relação às violações cometidas pelo Estado brasileiro.

Essas homenagens estendem-se, simbolicamente, a todos que também participaram – e ainda participam – de lutas com caráter democrático que não se esgotam jamais. Outra homenagem foi retomada nesta edição: o Troféu Especial, que homenageou importantes nomes do jornalismo. Flávia Oliveira, a Rede Maré e a rede Wauri foram os escolhidos da noite. ●

EBC



© SJSP

Ao lado, jornalistas de São Paulo após assembleia, realizada no dia 10 de outubro. À direita, a redação da EBC em Brasília, vazia devido à paralisação histórica realizada no mês de outubro

GREVE HISTÓRICA OBRIGA EBC A RECUAR E GARANTIR ISONOMIA EM PLANO DE CARREIRA

EMPRESA HAVIA IGNORADO JORNADA ESPECÍFICA DE JORNALISTAS NO NOVO PLANO DE CARREIRAS E REMUNERAÇÕES, E OBRIGOU TRABALHADORES A CRUZAREM OS BRAÇOS. MOVIMENTO GREVISTA FORÇOU A EMPRESA A ADOPTAR A ISONOMIA EM SEU PCR

As eleições municipais realizadas no dia 5 de outubro, em primeiro turno, foram amplamente cobertas pelos veículos de comunicação. Articulistas e comentaristas analisaram os resultados, enquanto parte significativa dos jornalistas estava nas ruas, buscando informações *in loco* e acompanhando os candidatos durante a votação e a apuração.

O volume de informações produzido pelos veículos e a cobertura jornalística, infelizmente, contrastaram com a cobertura realizada pelos veículos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Por causa da intransigência da direção da empresa, os jornalistas da maior empresa pública de comunicação do país protagonizaram uma greve histórica durante o período

eleitoral, em luta pela isonomia salarial em relação a outras categorias de nível superior da empresa. O novo Plano de Carreiras e Remunerações (PCR) apresentado pela direção diferenciava os salários dos trabalhadores em cargos de ensino superior. Ele levava em conta a hora trabalhada de cada empregado, ignorando as jornadas específicas previstas em lei das atividades profissionais, como as de jornalista (5 horas) e radialista (de 6 a 8 horas). A greve promovida pelos jornalistas da EBC chegou ao alto escalão do governo, e levou a uma intervenção do próprio ministro da Secretaria de Comunicação da República (Secom), Paulo Pimenta, que se reuniu com os sindicatos de jornalistas em busca de uma saída para o impasse. No início de novembro, a direção da empresa apresentou nova proposta, corrigindo o erro e adequando a proposta da empresa às demandas da

categoria – uma conquista obtida por meio da luta em defesa da jornada especial dos jornalistas.

Greve de jornalistas

Os jornalistas da EBC cruzaram os braços entre os dias 3 e 10 de outubro após aprovação em assembleia, por unanimidade, da paralisação. Ao todo, se somaram à greve cerca de 90% dos jornalistas do quadro efetivo das três praças (São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal), dos mais de 400 empregados da categoria. O movimento afetou os veículos públicos da empresa durante as eleições, alterando a rotina da *Agência Brasil*, *Rádio Nacional*, *TV Brasil* e a *Radioagência Nacional*, além dos canais de informação governamental, como o *Canal Gov* e a *Agência Gov*.

Os trabalhadores se viram obrigados a cruzar os braços após a empresa encerrar as negociações sobre o novo PCR. O

Conselho de Administração (Consad) da EBC havia aprovado, no dia 23 de agosto, a proposta elaborada pela empresa e duramente contestada pelas entidades sindicais durante toda a negociação.

Ataque à jornada especial dos jornalistas

O que a direção apresentou para a Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais (SEST), órgão ligado ao Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), foi uma proposta de PCR que previa diferenciação dos salários, levando em conta as horas de trabalho de cada atividade. Pela perspectiva da empresa, os jornalistas da EBC, área fim e principais produtores de conteúdo dos veículos da empresa, teriam um salário 12% menor em comparação a outras atividades de nível superior. A direção da empresa criaria uma diferença salarial entre jornalistas e empregados administrativos que poderia chegar a R\$2.650,87, ignorando veementemente a jornada específica da categoria.

Em uma atitude antissindical, visando criar ruídos entre os trabalhadores, a empresa enviou uma previsão de aumento salarial para todos os empregados da EBC, mesmo não havendo acordo com as entidades sindicais, ou sequer uma previsão orçamentária para a execução do PCR. No comunicado produzido pela EBC havia a previsão de reajuste de até 50% nos salários de determinadas áreas. A irresponsabilidade da direção provocou divisões entre trabalhadores de diferentes categorias, causando desinformação entre os empregados da EBC.

Vale lembrar que a proposta apresentada pela empresa não era uma novidade. Ao longo dos mais de dez anos de discussão de um novo PCR, a ideia de calcular os salários levando em conta as horas trabalhadas já havia sido posta à mesa,



e não foi aceita pelos trabalhadores, em mais de uma assembleia, ainda no ano de 2014. A mesma proposta havia sido enterrada em parecer de consultoria contratada pela empresa, também naquele ano, e não foi rerepresentada às entidades sindicais em nenhum momento ao longo da negociação atual.

A direção da EBC manteve-se intransigente frente aos pedidos de reabertura de negociação e revisão do PCR. Desde julho os sindicatos dos jornalistas do Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo buscavam a direção da empresa para a solução do problema, sem respostas. Por conta disso, os jornalistas da EBC realizaram duas paralisações antes de decretarem a greve por tempo indeterminado. A primeira ocorreu nos dias 3 e 4 de setembro, e arrancou um compromisso da Secom de voltar à mesa de negociação, o que não foi cumprido naquele momento. Nos dias 25 e 26 de setembro, novamente os trabalhadores paralisaram as atividades, buscando um diálogo em que pudessem avançar nas demandas dos jornalistas. Sem respostas satisfatórias, no dia 03 de outubro teve início a greve, sem tempo determinado, que impactou no funcionamento da empresa durante as eleições municipais. Apesar de a paralisação ter sido aprovada mais de uma semana antes do primeiro turno das eleições, não houve qualquer sinalização da empresa aos jornalistas para buscar retomar as negociações, de forma que garantisse a cobertura eleitoral.

Secom

Com a greve avançando e sem data de retorno, o Ministro Paulo Pimenta (Secom) recebeu uma delegação dos sindicatos para mais uma conversa, visando o destravamento das negociações. Em uma reunião realizada presencialmente no dia 09 de outubro, no Palácio do

Planalto, Pimenta revelou que já havia realizado uma reunião com a ministra Esther Dweck (MGI) e com responsáveis da SEST/MGI e da EBC. Foi solicitado então que as entidades representativas apresentassem um documento com dados e informações de mercado e do setor público para ser usado como justificativa para as reivindicações dos jornalistas.

As entidades lembraram ao ministro que esse não era um papel dos sindicatos, e que ao longo do processo essa reivindicação nunca havia sido apresentada. Lembraram também que a jornada diferenciada é prevista em lei e que, no caso dos jornalistas, ela data de 1943. Mesmo assim, os representantes sindicais presentes se comprometeram a produzir o documento, que foi entregue no dia 17 de outubro à direção da EBC.

O ministro se comprometeu a reabrir as negociações em busca de uma tabela



A RECONSTRUÇÃO DA EBC PASSA PELA VALORIZAÇÃO DOS EMPREGADOS. UM PLANO DE CARGOS E SALÁRIOS JUSTO É O INÍCIO DESSE PROCESSO

salarial que não punisse a atividade jornalística da empresa, além de não realizar o corte de ponto dos empregados grevistas, ameaça enviada pela direção da empresa no início do movimento. Os trabalhadores encerraram a greve no dia 10 de outubro, mas mantiveram a assembleia aberta para avaliar o andamento do processo.

Em 4 de novembro, a direção da empresa se reuniu com os sindicatos dos jornalistas e dos radialistas das três praças para rerepresentar o PCR, depois da greve dos jornalistas. Na proposta, finalmente, a empresa oficializou a unificação das tabelas salariais de nível superior, respeitando as jornadas específicas de cada profissão, e sem prejuízos para as outras categorias da empresa. Para que a proposta se concretize, ela ainda precisa passar pela SEST/MGI, em um processo que, segundo a direção da EBC, ainda deve levar cerca de quatro meses, sendo que a última etapa será a aprovação do orçamento. Os sindicatos seguem se reunindo com a empresa para discutir os descritivos das carreiras e sua progressão ao longo do tempo.

Histórico do PCR

A EBC foi criada em outubro de 2007 após ampla discussão na sociedade. Ela foi constituída a partir do patrimônio da antiga Radiobrás e de concessões de outras empresas públicas estaduais de comunicação. Os trabalhadores que migraram da antiga Radiobrás, e os que ingressaram nos concursos públicos da EBC, têm suas carreiras conduzidas por um Plano de Empregos, Carreiras e Salários (PECS), chamado pelos trabalhadores apenas de "PCR". O atual PCR da EBC foi aprovado em 2009, a fim de adequar as demandas dos trabalhadores às necessidades da empresa. A grande questão é que ele impõe ao corpo dos empregados graves distorções, como a impossibilidade de remuneração adequada a cargos técnicos, acúmulos de função, níveis inalcançáveis de progressão na carreira, entre outros aspectos que fragilizam a relação interna de trabalho. O atual plano penaliza, sobretudo, os trabalhadores de ensino médio, parte significativa do corpo de funcionários da empresa.

Desde 2013 os trabalhadores da EBC demandam um novo PCR, para que se possa corrigir as distorções do plano atual. Ao longo desses anos, inúmeros grupos de trabalho foram constituídos e reuniões realizadas junto à direção, incluindo a contratação de uma consultoria, para tentar construir um consenso em torno de um documento. O golpe de 2016 enterrou o plano, e a batalha dos trabalhadores, naquele momento, concentrou-se na manutenção da empresa e dos empregos.

Com o retorno do presidente Lula ao governo, e a consequente mudança da direção da empresa, houve o entendimento de que o processo poderia ser resgatado.

Constituiu-se um novo grupo de trabalho e, em 2023, mais uma vez, foram retomadas as discussões sobre o PCR.

As reuniões envolveram representantes da empresa e dos sindicatos presentes na base da EBC, composta pelos radialistas e jornalistas de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Distrito Federal. Foi mais de um ano de intenso trabalho, onde as entidades construíram uma proposta junto com os trabalhadores. Ao longo desse processo e das reuniões, a direção pouco agregou à elaboração do documento. As discussões se encerraram em julho de 2024 com a apresentação de uma proposta, por parte da empresa, que surpreendeu os integrantes do grupo de trabalho.

Além de distorções no material apresentado pelos sindicatos, continuavam no documento graves problemas de acúmulos de funções. A pior parte veio na tabela de remuneração das atividades. Na primeira proposta, o cálculo penalizava todos os trabalhadores da atividade fim da empresa, radialistas e jornalistas, atacando a jornada diferenciada dessas funções.

Rapidamente, as entidades apontaram o erro, e a empresa corrigiu os valores entre todos os cargos de nível médio/técnico, mas manteve a diferenciação nos cargos de nível superior. Essa postura atacou as carreiras de jornalistas e outros profissionais de comunicação, como produtores executivos, locutores especializados e videografistas. Cerca de 500 trabalhadores, quase um terço da força de trabalho da empresa, seriam impactados por essa diferenciação. Apenas depois do impacto da greve dos jornalistas, e do compromisso firmado pela Secom, foi possível fazer a direção da empresa recuar e garantir a isonomia reivindicada na proposta.

Arcabouço

O plano de fundo de toda essa disputa tem nome e sobrenome: Arcabouço Fiscal. Com a esperança de reconstrução da EBC, os trabalhadores percebem que a aprovação do PCR seria um ponto fundamental na valorização dos empregados em sua missão de levar à frente o projeto de comunicação pública. O problema é que, sendo uma empresa dependente, a EBC sofre diretamente com o contingenciamento promovido pelo governo federal. Em um momento de reconstrução, após anos de precarização e desmonte, a política econômica promovida pelo atual governo enfraquece a comunicação pública do país, em um momento fundamental para o combate à desinformação e ao avanço da extrema-direita. Além de um novo plano de carreira que valorize seus trabalhadores, os sindicatos demandam o fortalecimento da empresa e a realização de um novo concurso público, que possa ampliar a capacidade da empresa de cumprir sua missão frente aos desafios do país. ●

COJIRA

VENCEDORA DO PRÊMIO JABUTI 2024 É INTEGRANTE DA COJIRA SP

Com o livro *Exu-Mulher* e o *Matriarcado Nagô*, Cláudia Alexandre venceu o Jabuti Acadêmico 2024 na categoria Ciências da Religião e Teologia. Premiação celebra importante carreira como jornalista e pesquisadora

por Flavio Carranço

A jornalista e pesquisadora Cláudia Alexandre tem longa e diversificada trajetória profissional, além de uma intensa atuação no combate ao racismo, na afirmação da cultura negra no país e na divulgação e defesa das religiões de matriz africana. Filha de um policial militar que se formou em direito aos 42 anos e de uma ex-babá que terminou o ensino médio depois de casa-da (ambos falecidos), Cláudia nasceu em São Paulo e cresceu no bairro do Jardim Monte Alegre, periferia da zona sudoeste da cidade, na divisa com Taboão da Serra. Tem um irmão, Luiz Alexandre, especialista em numerologia e escritor, e uma filha com 26 anos, Rubiah, confeiteira e estudante de nutrição.

Cláudia avalia que teve uma educação “fora da curva”, com muita exigência em relação aos estudos: “Era uma família organizada, com casa própria e condições para nos formarmos e fazer escolhas que não são tão comuns para uma família preta retinta, que se formou na década de 60”. Lembra ainda que seus pais construíram um núcleo de sociabilidade dos parentes, que samba e “macumba” eram a base para reuniões, almoços, comemorações e que havia muita identidade com as heranças negras. “Apesar dessa sólida estrutura familiar, - afirma - as questões raciais, assim como o machismo, atravessaram desde sempre sua vida”, mas lembra que pode perceber essa relação com os pais, tias e primas, como uma base que a fortalecia para enfrentar as violências vindas da rua, da escola, dos e das coleguinhas e das professoras, acrescentando que foi constante ser a única menina preta até a faculdade (particular) de Jornalismo, o que levou a que tivesse pouquíssimas amizades com negros e negras no período formação escolar.

Diz também que não pode sonhar com uma oportunidade na televisão e que só

depois de formada, em 1988, entrou em contato com o Movimento Negro. “Não tive chance de ter referências que conheci depois, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro ou pensadoras negras estadunidenses e africanas” diz ela, observando que seu pensamento crítico também foi construído desde a infância pelas letras de samba e sambas-enredo, onde ouvia falar sobre a beleza negra, reis, rainhas e princesas, além das lutas e ideais de liberdade do povo negro, que não estão até hoje nos livros escolares. “Essas experiências, que não são únicas, mas de muitas mulheres negras da minha geração, me fizeram entender que meu caminho seria exercer minha profissão e construir minha carreira acadêmica e na comunicação social com propósito, contribuindo para as questões étnico-raciais, de gênero, de mulheres negras e de mulheres de terreiro”.

O ingresso na profissão aconteceu com um estágio em rádio, como repórter do programa *Rede Nacional do Samba*, em 1988, pelas mãos do jornalista Evaristo Carvalho (1932-2014), na rádio *Gazeta*, mas o primeiro registro em carteira - também por indicação de Evaristo - foi como repórter da *Gazeta Esportiva*, para cobrir cidades e variedades (cultura). “Foram dois anos de muita aprendizagem. Era mágico, no tempo das máquinas de escrever”. Em 1990, foi para a reportagem da *Rádio América*. Depois tornou-se locutora/apresentadora da *Tropical FM*, *Rádio Imprensa*, *Record*, *105 FM*, *Transcontinental FM*, onde teve muito sucesso no anos 90 apresentando programas de samba e pagode. “Fiz participações na *Rádio Globo* e hoje ainda sou colunista do Programa *O Samba Pede Passagem*, de Moisés da Rocha, na *USP FM*”, informa.

Outro campo de atuação em Cláudia trabalha é a assessoria de imprensa, área em que, há 7 anos, é diretora de comunicação do time Vedacit Vôlei Guarulhos.



© ARQUIVO PESSOAL

Cláudia construiu sua carreira entre o jornalismo e a academia. Ela integra a Cojira-SP desde a sua fundação, em 2001

Diz que a jornalista assessora de imprensa sempre tem sua função questionada por estar em um lugar de construção de imagens, mas que é indispensável para a relação de empresas e pessoas com a sociedade. Observa que ainda há um lugar de status, que são as redações de jornais, revistas, TVs e agências, o que faz com que os profissionais que não estejam nele ainda sejam vistos como menores, quando na verdade muito do que se constrói da notícia tem alguma participação de quem sugere, pauta e produz conteúdos.

Associada a este sindicato e integrante da Cojira SP há muitos anos, Cláudia lembra que quando ingressou na profissão, na década de 1990, havia poucas jornalistas negras atuando nos veículos de Comunicação, com a presença isolada de Glória Maria na *TV Globo* e praticamente ninguém em postos de decisão. “Fui tomada por um ativismo que não pude exercer na

minha juventude e nem mesmo no início da carreira. Talvez se Evaristo e o samba não tivessem me aberto as portas eu seria invisível até hoje para o mercado, pois as transformações foram inúmeras, do final dos anos 80 para cá”, afirma.

Outra característica marcante da trajetória de Cláudia Alexandre é uma presença expressiva na área acadêmica, com dois trabalhos de pós-graduação que abordam temas da religiosidade de matriz africana e que se tornaram livros. “Estou na academia especialmente para fazer a crítica e reescrever narrativas sobre as maneiras como o povo negro, em especial após a abolição, resignificou a humanidade. Estudar a sua organização por meio das religiosidades negras e das expressões culturais, como o samba e as escolas de samba, foi a forma que eu encontrei para construir novas narrativas e conhecimento sobre a contribuição de negros, em especial de mulheres negras, para a construção de uma sociedade cheia de desigualdades, favorecida pelo racismo estrutural”.

Muito ligada ao samba paulistano, ela conta que sua dissertação de mestrado, registrada no livro *Orixás no Terreiro Sagrado do Samba - Exu e Ogum no Candomblé da Vai-Vai* (2022), tem tudo a ver com suas origens e com a representatividade histórica da Escola de Samba Vai-Vai, onde fez muitos amigos e amigas e aprendeu, com os mais velhos, sobre o Carnaval Negro e a estreita relação entre os terreiros de samba e os terreiros de religiões afro-brasileiras. Ainda nessa área, afirma que nada foi mais desafiador do que construir a tese de doutorado, defendida em 2021 na PUC SP, em torno da questão de gênero e o orixá Exu, que resultou no livro *Exu-Mulher* e o *Matriarcado Nagô*, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico 2024, na categoria Ciências da Religião e Teologia, a maior premiação literária acadêmica do Brasil. ●

“FUI TOMADA POR UM ATIVISMO QUE NÃO PUDE EXERCER NA MINHA JUVENTUDE E NEM MESMO NO INÍCIO DA CARREIRA. TALVEZ SE EVARISTO E O SAMBA NÃO TIVESSEM ME ABERTO AS PORTAS EU SERIA INVISÍVEL ATÉ HOJE”



Dennis de Oliveira foi homenageado com o Troféu Luiz Gama e pela ABEJ como personalidade destaque no ensino de jornalismo de 2023

DENNIS DE OLIVEIRA É HOMENAGEADO COM TROFÉU LUIZ GAMA

O professor da Universidade de São Paulo (USP) foi reconhecido como um dos jornalistas negros mais admirados do Brasil.

por Fábio Soares

Dennis de Oliveira recebeu no dia 11 de novembro, no Itaú Cultural, homenagem especial do Prêmio +Admirados Jornalistas Negros e Negras da Imprensa Brasileira. O título reconhece o profissional como referência no jornalismo brasileiro, pela trajetória de luta e dedicação por representatividade racial na mídia, mas também pela defesa da ética no exercício da profissão.

Dennis tem uma longa trajetória acadêmica, com 34 anos de experiência no ensino de jornalismo, iniciada na Universidade Metodista de Piracicaba. Durante seu tempo nessa instituição, ele foi fundamental para a construção do curso e a criação de projetos pedagógicos. Em 2003, Dennis se juntou à USP, onde realiza projetos de jornalismo comunitário e coordena o Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação

e Cultura (Celace). “Fiquei muito lisonjeado com a premiação porque coroa a minha preocupação em discutir mídia e racismo”, declarou, acrescentando que percebe uma tendência da mídia hegemônica em tratar o racismo meramente na dimensão do comportamento. “Embora tenha havido um aumento na presença negra na mídia, não significa necessariamente uma mudança significativa na agenda antirracista dos meios de comunicação de massa. Isso não se traduz em uma mudança na forma como o racismo é tratado. Os meus estudos têm demonstrado isso”, ressalta.

Para Dennis, é importante que se faça uma reflexão para saber como profissionais negros e negros do jornalismo devem participar dos espaços nos meios de comunicação. “Eu entendo que um debate que é muito atual, muito necessário para nós, negros e negras, é que os espaços que se abrem na mídia, nos espaços institucionais de poder, nos espaços empresariais, têm que ser ocupados”, afirma.

Além do Troféu Luiz Gama, Dennis também foi premiado pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) como Personalidade destaque no ensino de jornalismo brasileiro de 2023, pelas contribuições ao ensino do jornalismo e à luta antirracista. “É o reconhecimento desse meu engajamento na pesquisa, na docência. Acho que, muitas vezes, na universidade pública, a docência e a graduação são muito pouco valorizadas”, diz.

Em ambas as premiações, Dennis dedica seu reconhecimento aos colegas e amigos que compartilham sua luta. “Elas são fruto de um trabalho coletivo. Como diz a filosofia Ubuntu, ‘eu sou porque nós somos’”, concluiu, ressaltando a importância de não esquecer os ancestrais e de lutar por uma sociedade mais justa. ●

INTERIOR

JORNALISTAS RECONQUISTAM CONVENÇÃO COLETIVA NO INTERIOR E LITORAL

por Eduardo Viné Boldt

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) assinou, no final de agosto, a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) de Jornais e Revistas do Interior, Litoral e Grande São Paulo. A CCT terá vigência até 31 de maio de 2025. Foram mais de 2 anos e 3 meses de luta desde o encerramento da última Convenção, que ocorreu no final de maio de 2022.

O Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo (Sindjori) se apoiou em aspectos burocráticos e na reforma trabalhista para protelar a negociação. Foi necessária dura intervenção do SJSP, negociações junto ao Ministério Público do Trabalho (MPT), tentativa de mediação com a Superintendência Regional do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), e participação ativa da categoria para que houvesse avanço e fosse garantida a reconquista dos direitos.

Negociação

Em maio de 2022 o SJSP enviou ao Sindjori a pauta de reivindicações aprovada pela categoria e cobrou o início das negociações. O SJSP pediu a prorrogação da CCT, a fim de garantir os direitos vigentes. No mesmo mês, o presidente da entidade patronal, Paulo Almeida, faleceu. Com isso, o Sindjori passou a adiar as negociações sob a justificativa de “exigência estatutária”, que seria resolvida em assembleia entre as empresas que compõem a entidade.

Utilizando-se do fim da ultratividade, o Sindjori se negou a iniciar a negociação. Com isso, a CCT de Jornais e Revistas do Interior, Litoral e Grande São Paulo deixou de existir a partir de 1º de junho de 2022. Diversos direitos garantidos aos jornalistas deixaram de ter validade, como o piso da categoria, pagamento de Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e o reajuste dos vales alimentação e refeição (VA e VR). Os salários ficaram sem reajuste desde a data-base de 1º de junho de 2021, impactando no poder de compra da categoria. O SJSP se adiantou e garantiu Acordos Coletivos de Trabalho diretamente com algumas empresas do setor, a fim de mitigar os problemas causados pela intransigência do Sindjori.

Os entraves burocráticos do Sindjori

que, em tese, se resolveriam em alguns dias, passaram a se arrastar. Sob o pretexto de regularizar o mandato da diretoria da entidade, o Sindjori deixou de responder aos questionamentos e pedidos do SJSP para o início das negociações. O SJSP acionou o MPT em agosto de 2022 e em julho de 2023, e não obteve avanço. Buscou-se então mediação junto ao MTE, que chamou para a mesa de negociação, em dezembro de 2023, a Federação Nacional das Empresas de Jornais e Revistas (Fenajore), entidade da qual o sindicato patronal faz parte, que também se negou a negociar.

Apenas em março de 2024 as negociações começaram. Com expressiva participação da categoria, em agosto deste ano se encerrou a longa espera pela volta de uma CCT que pudesse garantir os reajustes e os direitos dos jornalistas do Interior, Litoral e Grande SP.

“Essa participação foi decisiva e a categoria precisa ter consciência disso. A conquista foi na raça”, enfatiza a secretária das Regionais do SJSP, Solange Santana. “Agora é importante cada jornalista que atua em jornal e revista fora da capital, seja que tamanho for a redação, exija o cumprimento integral da CCT, não hesitando em contatar o Sindicato. E vamos nos preparar para que na próxima data-base tenhamos uma campanha salarial com mais força da categoria e mais conquistas”.

A assinatura da convenção garantiu a vigência de 70 cláusulas. Fixou, nas cláusulas econômicas (como salários, VA/VR e auxílio creche), reajuste de 10% a partir de agosto e mais 3,34% a partir de 1º de janeiro de 2025. Garantiu o retorno do piso da categoria e a volta do pagamento da PLR ou multa indenizatória aos trabalhadores no valor de R\$1.034,43.

“Consideramos a assinatura desta CCT uma enorme vitória para a categoria, fruto da mobilização e do trabalho desempenhado pelas nossas diretorias regionais, com a coordenação da Secretaria de Regionais”, afirma Thiago Tanji, presidente do SJSP. “A atual conjuntura das empresas de jornais e revistas do interior é difícil, fazendo com que os patrões promovam a precarização em larga escala das redações. Diante disso, a categoria se manteve unida para lutar por seus salários e direitos.” Com a CCT assinada, a luta continua! ●

FOTAJORNALISMO

CLIQUE
OLÍMPICOS E
PARALÍMPICOS

Entre julho e agosto últimos pudemos acompanhar a 33ª edição dos jogos Olímpicos e Paralímpicos de Paris 2024. Mas, para encarar a rotina de uma reportagem desse porte, é preciso ter um desempenho atlético. Em meio a tantos acontecimentos simultâneos, é preciso *expertise*, mas também muita sensibilidade.

Relatos dos repórteres fotográficos Wander Roberto e Ale Cabral, ambos membros das equipes dos Comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiro, nos transportam para um universo de conquistas (ou derrotas) históricas e instantes que marcam gerações. Mais do que especialistas, eles compartilham a paixão pelo esporte. ●
(texto de Mônica Bento)

ALE CABRAL

Essa foi minha segunda Paralimpíada, e a surpresa dessa edição foram os cenários maravilhosos! Fizeram questão que a gente fotografasse a integração da cidade com as provas. Como todo evento mundial, o nível de exigência da organização é alto. Ficava lembrando dos jogos que eu fazia nos estádios sem iluminação, na chuva e pensei "valeu a pena"!

Gosto de diversificar as modalidades porque me causa um incômodo fazer sempre a mesma coisa, mas vai de cada um querer se desafiar. É uma maratona para quem cobre também! Existem algumas particularidades para fotografar as Paralimpíadas, mas o essencial é o mesmo: preparo técnico, físico e mental para conseguir captar o momento certo do(a) atleta, tendo ele(a) deficiência ou não. As competições também seguem padrões diferentes e algumas não existem nos jogos olímpicos, o que torna as provas mais demoradas, exigindo mais atenção. Apesar de toda a concentração, estamos sempre torcendo pelo Brasil. Mas até certo ponto porque não dá muito pra se envolver. Um momento que mais me tocou muito foi quando o Gabriel da natação entrou no local da prova, a Arena toda gritando por ele, foi muito emocionante!



© WANDER ROBERTO



© ALE CABRAL

WANDER ROBERTO

Sou colaborador dos comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiro há 22 anos. A primeira Olimpíada que fiz foi em Atenas 2004, e é muito interessante lembrar porque nada se compara à agilidade que temos hoje. A tecnologia certamente é um diferencial em todos esses anos.

A cerimônia de abertura desses jogos foi desmembrada, muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo em lugares diferentes, então o posicionamento foi determinante. Mas nem sempre a melhor imagem vem do seu lugar de foto, imprevistos podem exigir mais experiência do profissional, e o que parece uma roubada pode ser um diferencial.

Para mim a fotografia se divide em 3 etapas: pré-pauta (preparação), a pauta (produção do conteúdo) e o pós (tratamento e edição). O que nos motiva é o flagrante. Estamos sempre preocupados com a informação, além da plasticidade e a beleza do esporte, preservamos a notícia.

Eu defendo a ideia de diversificar as modalidades dentro da cobertura, mas a vantagem de cobrir sempre o mesmo esporte é que, além de estar mais preparado, a probabilidade de fazer uma boa foto é maior.

No topo, comemoração de Rebeca Andrade. A ginasta brasileira sagrou-se bicampeã olímpica e a maior medalhista brasileira em Jogos Olímpicos. Abaixo, o atleta Rodolpho Riskalla em prova de Hipismo Dressage, na Arena de Versalhes, nos jogos Paralímpicos.

© ALE CABRAL



O nadador Samuel Oliveira na prova de natação na Arena La Défense, durante os jogos Paralímpicos Paris 2024.

© WANDER ROBERTO



Gabriel Araújo comemora a primeira medalha do Brasil nos Jogos Paralímpicos. Ele terminou a prova final de natação dos 100m costas e levou a medalha de ouro.

MEMÓRIA

LUIZ CHAGAS
E SEUS MÚLTIPLOS

por Mônica Tarantino

A coleção de apelidos de Luiz Chagas ajuda a contar a trajetória do jornalista, crítico, tradutor, escritor, instrumentista e compositor. Ele saiu de cena dormindo, no dia 9 de julho, aos 72 anos de uma vida bem vivida, após um infarto em sua casa, em São Paulo.

Os mais jovens chamavam-no Belo ou Beloti, pelo uso constante da expressão “E aí, belo, normal?”. No Google, ele aparece como “o pai da [cantora e compositora] Tulipa Ruiz e de Gustavo Ruiz”, definição que o enchia de orgulho.

Nascido em Goiânia, em 1952, onde viveu poucos meses, cresceu nos arredores da tevê *Record*, em São Paulo, no período dos festivais. Começava a formação de um refinado repórter de Cultura, autor de *hits* e uma referência para toda uma geração paulistana.

O jornalismo foi acidental. Abandonou a faculdade de engenharia em Barretos, no interior, para estudar cinema na FAAP, na capital, em 1972. No segundo ano de curso, desandou a escrever. O colega Alfredo Teixeira notou o talento e arrumou-lhe emprego na revista *Amiga*. “Fazia quatro perguntas a 90 personagens de novela, do mordomo ao cachorrinho da madame”, contou em entrevista a Oswaldo Vita, o Colibri.

Nos anos como repórter de Polícia no *Diário da Noite*, destilou a ironia que marcaria seu texto para sempre. Fã das histórias policiais de Raymond Chandler e James Ellroy, encarnou o repórter-detetive na cobertura de um assassinato. A série de reportagens sobre o “assassino-galã”, de “olhos azul-turquesa”, publicada em 1979, foi a última grande cobertura do jornal antes do seu fim, em 1980.

Anos depois, na revista *Contigo*, era o Sargento, o Grunf Grunf e Chagão, numa menção à sua lendária rabugice. Em encontro recente e emocionado com Tulipa e comigo, o jornalista Décio Piccinini falou sobre os anos em que dirigiu a *Contigo* e chefou um time de jornalistas com estilo e humor sofisticados. “Eles eram geniais, não menos do que isso. E o Chagas era indomável intelectualmente, sem limites pra imaginar e botar no papel.”

Luiz em seguida migrou de *Variiedades* para *Cultura*. Autodidata em inglês, aprendeu ouvindo os Beatles e as conversas do pai telegrafista com colegas da Panair. Seduziu, com uma autobiografia breve, os editores da *Brasiliense*, que confiaram a ele a tradução de obras como *Misto Quente* (Charles

Bukowski, 1984); *Big Sur* (Jack Kerouac) e a autobiografia da Billie Holiday.

Nessa fase, também compunha para filmes e frilava na banda Isca de Polícia, de Itamar Assumpção. “E escrevia para a *Abril*, *ISTOÉ* e *Folha*, que precisava de alguém mais velho que gostasse de artistas brasileiros”, disse em entrevista. No *Jornal da Tarde*, resenhou livros e entrevistou ícones como B.B.King e Jeff Beck.

Em 1998, estava na revista *ISTOÉ*. Era chamado de Sagaz, Chacas, Chagão e Chaguetes. E, de vez em quando, de Márcia de Windsor (jurada de tevê que só dava 10 aos calouros) pelo editor Apoenan Rodrigues. “Sempre preferi escrever sobre o que é muito bom do que esculhambar trabalhos”, explicava.

“Chagas era um guerreiro. Um guerreiro silencioso cuja veemência e coerência estavam em seus textos, produzidos como partituras musicais. Escrevia tão bem quanto tocava”, disse-me Hélio Campos Mello, diretor da *ISTOÉ* até 2007.

Entre 2006 e 2007, Luiz organizou comigo o *songbook* do amigo Itamar Assumpção, que recebeu o APCA de melhor biografia.

Na revista *Brasileiros*, ele radicalizou a opção de escrever sobre a produção musical independente, celebrando nomes como Ná Ozzetti e apresentando novos, como a Trupe Chá de Boldo.

Nessa época, consolidou-se como fonte para assuntos relacionados à música e literatura. “Meu pai sempre foi hipertextual e com muitas histórias, todas detalhadas e profundas. A galera vinha em casa para ouvi-lo”, conta Tulipa.

Há poucos meses, atribuiu-se novo apelido. “Seu Luiz” voltou a ter cabelo comprido, a compor e tocar guitarra febrilmente para um álbum solo. Que irá se concretizar em breve, assim como a publicação de um livro de entrevistas sobre a vanguarda musical paulista. ●



© ARQUIVO PESSOAL



© RODRIGO SCHMIDT



© FRED SIEDWERT

No topo, Chagas na redação do *Diário da Noite*, ainda nos anos 70. Acima, registro para o lançamento da música *Megalomania*, de Tulipa Ruiz (2015). Ao lado, Chagas se apresentando junto a seus filhos, Tulipa e Gustavo (2020)

HÉLIO CAMPOS MELLO CERTA VEZ DISSE QUE CHAGAS ERA UM GUERREIRO SILENCIOSO, CUJA VEEMÊNCIA E COERÊNCIA ESTAVAM EM SEUS TEXTOS PRODUZIDOS COMO PARTITURAS MUSICAIS

RESENHA

Alexandre Vannucchi Leme ganha biografia

por João Marques

“O que você é do Vannucchi?” Quando criança, Camilo Vannucchi ouvia essa pergunta e não a entendia muito bem.

De que Vannucchi estavam falando? Seu avô era Vannucchi, seu pai e seus tios também, havia um monte de Vannucchi na família. “O estudante. O que você é do Vannucchi da USP?” — explicava o interlocutor. Por curiosidade, foi se informar e soube que teve um primo torturado pela ditadura. Além de Alexandre, ele também tinha outros parentes, que foram presos políticos, incluindo o seu pai, Paulo Vannucchi. Na pré-adolescência, já conseguia responder à pergunta, em detalhes, mas ainda foi ler alguns livros sobre o assunto como *Brasil Nunca Mais*, *O que é isso Companheiro*, *Os Carbonários*, e começou a se aprofundar no tema.

Primo de segundo grau de Alexandre Vannucchi Leme, Camilo Vannucchi é jornalista e escritor, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela USP e professor de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Secretário de Cultura da Prefeitura de Diadema, foi membro e relator da Comissão da Memória e Verdade da Prefeitura de São Paulo, repórter e editor nas revistas *IstoÉ* e *Época SP* e colunista nos portais *Brasil 247*, *Carta Capital* e *UOL*. É autor das biografias, *Margarida*, *Coragem e Esperança*; *Vala de Perus*, uma *Biografia*; *Marisa Leticia Lula da Silva*; entre outros livros.

Em *Eu só disse meu nome* (Discurso Direto, 192 págs.), Camilo Vannucchi conta a história do estudante do 4º ano da Geologia da USP, Alexandre Vannucchi Leme, preso no dia 15 de março de 1973, no DOI-Codi de São Paulo e torturado até a morte. Simulada como tentativa de fuga, os jornais da época, em conluio com o regime, noticiaram a sua morte por atropelamento.

Seria uma tarefa fácil contar a história de seu primo, Camilo presumia. Afinal, ele já conhecia a maior parte da trama, tinha acesso privilegiado à família, era amigo de alguns dos protagonistas, companheiros de guerrilha e contemporâneos da USP. “Só que não. Escrever sobre Alexandre me obrigou a escrever a história de uma geração. E a escrever também sobre mim. A me perder muitas vezes nos documentos e nas anotações. A vasculhar memórias esquecidas. A percorrer duas vidas em perspectiva e explorar conexões. E investigar pensamentos dispersos, íntimos, nunca aflorados. Recônditos.”

O livro foi lançado no último dia 3 de julho, no Sindicato dos Jornalistas, em evento promovido pela Biblioteca Milton Bellintani, que contou com a presença de dois contemporâneos de Alexandre, personagens importantes dessa história. Adriano Diogo, o Mug, militante da ALN (Ação Libertadora Nacional), companheiro de guerrilha e seu colega na Geologia. E Sérgio Gomes, aluno da ECA, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e que fez parte do grupo que negociou com Dom Paulo a missa de sétimo dia celebrada no dia 30 de março de 1973, na Catedral da Sé. ●

“*Lisete dormiu e acordou preocupada. Havia passado a noite com uma amiga na república de um colega da USP, no alto de Pinheiros, decidida a não voltar para casa naquele sábado. Estavam todos de sobreaviso, principalmente depois de saber que o Mug também tinha caído.*”

DICAS DE LEITURA

Cinema de Arquivo: Imagens e Memória da Ditadura Militar

Patrícia Machado - Sagarana, 320 págs.

A professora e pesquisadora de arquivos audiovisuais traça uma investigação em acervos públicos e privados na busca de imagens e documentos produzidos durante a ditadura militar brasileira.

Cachorros

Marcelo Godoy - Alameda, 552 págs.

Depois do premiado *Casa da Vovó* (Prêmio Jabuti), autor lança novo livro reportagem e descreve a saga do agente Vinicius, nome de guerra do espião Severino Theodoro de Melo, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Pós-Conceitos

Mouzar Benedicto - Limiar, 176 págs.

Novo livro do jornalista e contador de casos traz desaforismos, hai-kais, perguntas, desditados e cometimentos, além de verbetes improváveis e pensamentos absurdos, com muito humor e crítica política.

Casa de Família

Paula Fábrio - Companhia das Letras, 296 págs.

A autora de *Desnorteio*, livro de estreia, Prêmio São Paulo de Literatura, lança novo romance que retrata as casas de família, expressão que se refere aos locais aonde mulheres vão trabalhar como domésticas, babás ou cuidadoras.

Cavalos no Escuro

Rafael Gallo - Record, 208 págs.

Depois de publicar dois romances premiados, *Rebentar* (Prêmio São Paulo de Literatura) e *Dor Fantasma* (Prêmio José Saramago), autor lança livro de contos escritos e guardados nos últimos dez anos.

© DIVULGAÇÃO



Filme de Bernardet celebra 30 anos. Obra está disponível no Youtube

São Paulo: Sinfonia & Cacofonia

Jean-Claude Bernardet (Brasil, 1994)

Ode de amor e ódio à cidade. Fragmentos de mais de cem filmes, gravados em São Paulo, expressam o prazer angustiante, ou a angústia prazerosa de se viver na cidade. ● MUBI e YouTube

BOLETIM

1º Encontro Nacional de Mulheres Jornalistas

A Fenaj, em parceria com a Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas, realizou, no dia 9 de novembro de 2024, o 1º Encontro Nacional de Mulheres Jornalistas. A programação contou com três painéis, abordando temas como violência de gênero, perspectivas de raça e classe no jornalismo, além de pesquisas sobre as condições de trabalho das mulheres jornalistas no Brasil e na América Latina. O encontro aconteceu no auditório Vladimir Herzog, na sede do SJSP.

● <https://tinyurl.com/EncontroMulheresJornalistas>

Um ano de genocídio em Gaza

A marcha “1 ano de genocídio, 1 ano de resistência”, realizada na Avenida Paulista e Rua Augusta em 8 de outubro, contou com a participação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) e outros sindicatos. O evento foi convocado por diversos grupos, incluindo a Central Única dos Trabalhadores de São Paulo (CUT-SP).

● <https://tinyurl.com/AtoContraoGenocidio>

Pesquisa sobre a saúde mental de jornalistas

A Fenaj, em parceria com a Fundacentro, iniciou uma pesquisa nacional voltada para a saúde mental de jornalistas. O objetivo do estudo é identificar variáveis associadas ao sofrimento mental no exercício da profissão, visando desenvolver políticas que protejam esses profissionais.

● <https://tinyurl.com/PesquisaFenajeFundacentro>

Tabela de frilas

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo retirou de seu site, em junho de 2024, a Tabela de Referência de Valores dos serviços jornalísticos avulsos. Essa ausência foi prontamente notada pelos jornalistas e o motivo é um processo contra a entidade movido pelo Cade.

● <https://tinyurl.com/tabelasfrilas>

PEC da jornada reduzida

O SJSP manifesta seu apoio à mobilização de diferentes setores da classe trabalhadora na luta pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada de trabalho no Brasil.

● <https://tinyurl.com/2s3wnr6v>

DICAS DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

por Cineclube Vladimir Herzog

O Sabor da Vida

Tran Anh Hung (França, 2023)

Ambientado em 1885, filme acompanha a vida profissional de Eugenie (Juliette Binoche), uma conceituada cozinheira, e a sua relação, intermediada pela culinária, com Dodin (Benoît Magimel), com quem trabalha há 20 anos. ● Prime Video

Sabor da Vida

Naomi Kawase

(França, Alemanha, Japão, 2015)

Tendo a culinária e a cultura japonesa como pano de fundo, filme conta, com delicadeza, a história de Sentaro, dono de uma pequena padaria, e Tokue, uma senhora de 75 anos que se oferece para ajudá-lo na cozinha. ● Prime Video

Conspiração e Poder

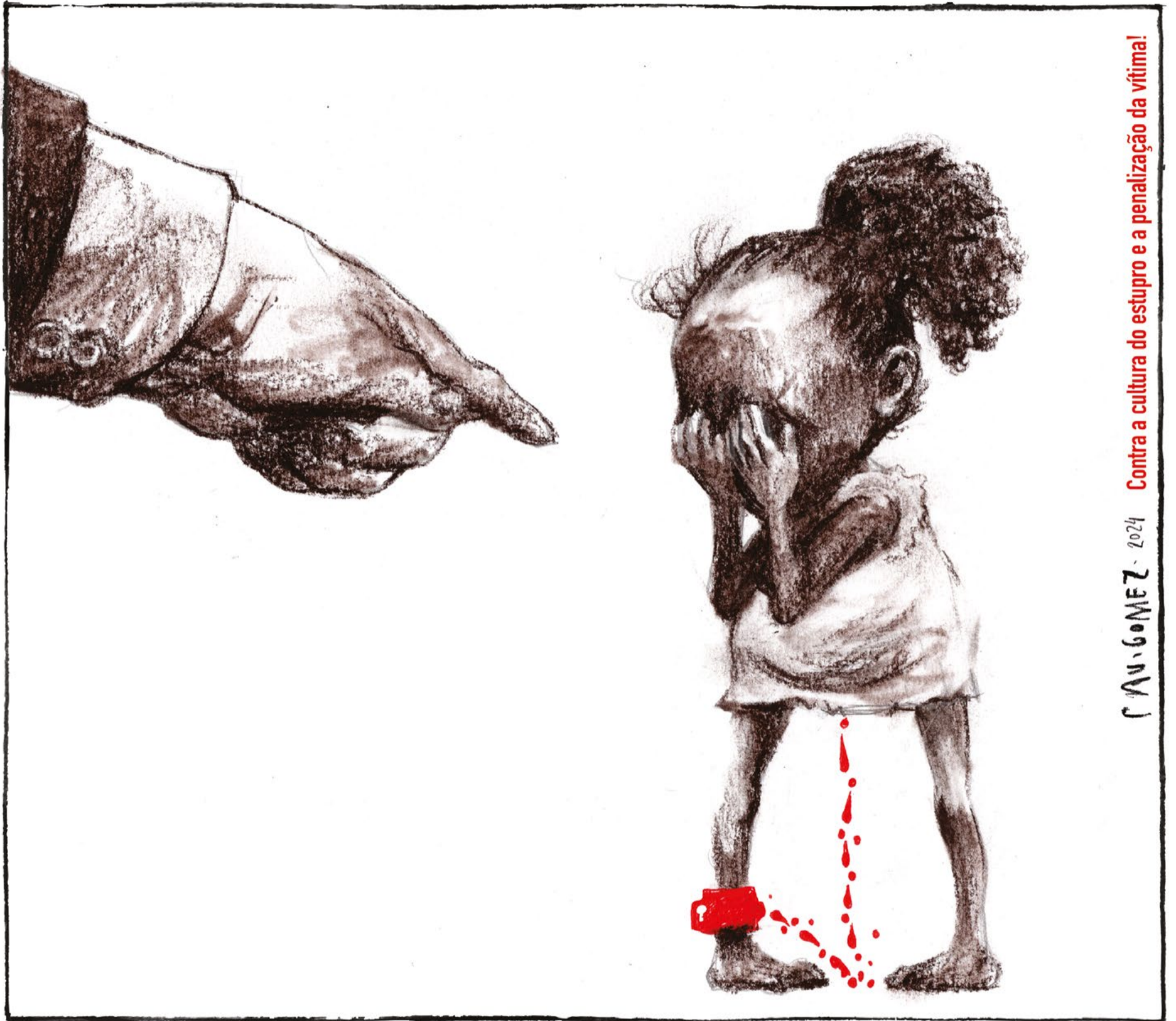
James Vanderbilt (EUA, Austrália, 2015)

Filme mostra os bastidores da reportagem que denunciou o ex-presidente dos EUA, George W. Bush, e que, ao invés de abalar sua campanha para reeleição, gerou um processo de descrédito ao trabalho da equipe de reportagem. ● Prime Video

O-bi, O-ba: O Fim da Civilização

Piotr Szulkin (Polônia, 1984)

Filme traz uma reflexão sobre o conceito de humanidade. Em um refúgio nuclear, sobreviventes de uma guerra atômica esperam pelo resgate de uma arca, que possa retirá-los de um ambiente hostil e brutal. ● MUBI

TRAÇO LIVRE | por Cau Gomez


CAU GOMEZ é artista gráfico, ilustrador, chargista e caricaturista, com experiência em agências de publicidade e veículos impressos. Recebeu mais de 60 prêmios ao longo de sua carreira. Iniciou seu trabalho no *Diário de Minas*, e teve obras publicadas no jornal *A Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Playboy*, *O Pasquim* e *Courrier International*. Em 2020, foi premiado na 42ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos (PVH) na categoria “Destaque Vladimir Herzog Continuado”, com uma das 109 peças do movimento “Charge Continuada”, em defesa do cartunista Aroeira. Venceu este ano o 46º PVH na categoria artes. ●